



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES

**CORDEL E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO DE LEITORES DO TEXTO
LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**GUARABIRA-PB
2020**

GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES

**CORDEL E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO DE LEITORES DO TEXTO
LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linhas de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa.

**GUARABIRA-PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G346c Gomes, Gildiane de Almeida Silva.
Cordel e meio ambiente [manuscrito] : a formação de leitores do texto literário no ensino fundamental / Gildiane de Almeida Silva Gomes. - 2020.
121 p.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa, UEPB - Universidade Estadual da Paraíba."
1. Ensino. 2. Cordel. 3. Ecocrítica. 4. Letramento literário. I.
Título

21. ed. CDD 3985

GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES

**CORDEL E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO DE LEITORES DO TEXTO
LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

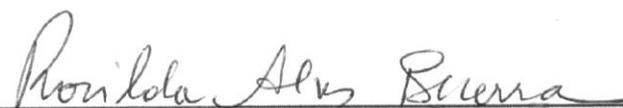
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito para obtenção do título de mestre.

Aprovada em: 28/02/2020.

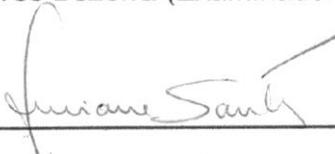
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dr.ª. Maria Suely da Costa (Orientador/ UEPB)



Prof.ª. Dr.ª Rosilda Alves Bezerra (Examinadora Interna/ UEPB)



Prof.ª Dr.ª Luciane Alves Santos (Examinadora Externa / UFPB)

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente agradecida a Deus que providenciou no meu caminho a possibilidade de ingressar e concluir o mestrado.

A minha família, por colaborar com a minha edificação enquanto ser humano e profissional;

A Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa pelo seu compromisso e paciência nesta orientação;

Aos professores de toda a minha vida, inclusive a Prof^a. Dr^a. Fátima Aquino;

Aos amigos fiéis que me ajudaram a não desistir deste sonho, em especial Meilene, Carol e Eduardo;

Aos meus alunos e colegas de profissão, que colaboraram para o processo de aprendizagem desta pesquisa, também agradeço imensamente a kydelmir Dantas e ao poeta Antônio Francisco pela visita fantástica a nossa escola.

DEDICATÓRIA

A minha filha Marcela e minha família que sempre respeitou e contribuiu no percurso da minha vida acadêmica. A professora Dr^a. Suely costa, muito obrigada!

Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2004, p. 191).

[...]. Podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 13).

Ler é um ato iminentemente civilizador. Há algo de disciplinador na leitura. A necessidade de deter-se respeitosamente diante de um livro é disciplinador. A necessidade de estar atento e dedicar toda a mente ao que se lê é um exercício que alarga os horizontes cognitivos, desenvolve a inteligência, exige do ser um algo mais do que as efemeridades cotidianas. (FERRAREZI JR, 2017, p. 17).

RESUMO

Esta dissertação trata de uma pesquisa em torno da literatura de cordel no processo de formação de leitores na perspectiva do letramento literário. O interesse esteve em possibilitar aos discentes uma experiência de leitura capaz de levá-los a extrair, debater e interpretar os sentidos do texto através de um olhar crítico-reflexivo, por meio de cordéis sobre comportamento do ser humano para com a natureza. O aporte teórico usado tem por fundamentação os estudos sobre a Literatura Popular, voltado para especificidades do gênero; a formação do leitor e as práticas de letramento, situando a base metodológica para o trabalho com a competência leitora; e a ecocrítica, teoria que busca compreender a relação do homem com o meio ambiente. Dentre os referidos estudos, destacamos Marinho e Pinheiro (2012), Cosson (2014), Brasil (2017), Candido (2004), Freire (1999), Garrard (2006), Gifford (2009), entre outros. A metodologia adotada tem base fatores da pesquisa-ação, de caráter qualitativo, aplicada a uma turma de 8º ano, com faixa etária entre 12 e 17 anos, de uma escola pública de Ensino Fundamental da Paraíba. A coleta de dados se deu a partir de atividades aplicadas como questionários, oficinas, sequência básica e a produção de um texto de cordel, além da experiência dramatizada com este gênero literário. Em termos teóricos e práticos, a pesquisa conclui que o cordel em sala de aula é um instrumento que pode proporcionar o envolvimento prazeroso dos educandos no processo da formação de leitores do texto literário, possibilitando o contato com a linguagem literária na perspectiva de um letramento capaz de proporcionar a reflexão sobre as ações humanas, nesse caso especificamente relacionada a questão ambiental, de modo a entender a necessidade de respeitar a convivência com o meio ambiente.

Palavras-chave: Ensino. Cordel. Ecocrítica. Letramento literário.

ABSTRACT

This dissertation is a research around the cordel literature in the process of formation of readers from the perspective of literary literacy. The interest was in enabling the students a reading experience capable of leading them to extract, debate and interpret the meanings of the text through a critical - reflective look, through cordels on human behavior towards nature. The theoretical framework used is based on studies of popular literature, focused on specific gender; the formation of the reader and the literacy practices, situating the methodological basis for the work with the reader competence, and ecocritica, theory that seeks to understand the relationship of man with the environment. Among those mentioned studies, we highlight Marinho and Pinheiro (2012) , Cosson (2014), Brazil (2017) Candido (2004), Freire (1999), Garrard, (2006), Gifford (2009), among others. The methodology is based on factors of action research, qualitative, applied to a class of 8^oyears, aged between 12 and 17 years, a public elementary school in Paraíba. Data collection took place from applied activities such as questionnaires, workshops, basic sequence and the production of a cordel text, besides the dramatized experience with this literary genre. In theoretical and practical terms, the research concludes that the cordel in the classroom is an instrument that can provide the pleasant involvement of students in the process of formation of the readers of the literary text, enabling contact with the literary language in the perceptual of a literacy able to provide reflection on human actions, in this case specifically related to the environmental issue, in order to understand the need to respect the coexistence with the environment.

Keywords: Teaching. String. Eco-criticism. Literar literacy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01.....	53
Tabela 02.....	56
Tabela 03.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UM LETRAMENTO NECESSÁRIO	14
2.1 O ensino da literatura sob o véis da ecocrítica.....	23
3 A LITERATURA DE CORDEL: ASPECTOS CONTEXTUAIS, ESTÉTICOS E AUTORAIS	31
3.1 <i>Os animais têm razão</i> : por trás da rima, o choque de realidade.....	36
3.2 <i>O planeta água está pedido socorro</i> : no percurso de uma educação ecológica.....	42
4 O UNIVERSO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DOS DADOS À ANÁLISE	49
4.1 Tipos de pesquisa.....	49
4.2 Locais da pesquisa.....	50
4.3 Colaboradores da pesquisa.....	51
4.4 Proposta de intervenção: etapas e análise dos dados.....	51
4.5 Desperta cordel: poesia e realidade.....	53
4.6 Viajando nos acordes do cordel: o respeito à natureza.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	82
APÊNDICE	120

1 INTRODUÇÃO

A realidade da leitura no Brasil do século XXI tem inspirado preocupação, isso porque pesquisas mostram que os índices na média de desempenho dos estudantes brasileiros vêm decrescendo na área de leitura. Dados expostos pelo programa internacional de avaliação de estudantes (PISA) mostram que, em 2018, 50,1% dos estudantes estão abaixo do nível 2 de proficiência em leitura. Essa avaliação acontece a cada três anos e oferece um perfil básico de conhecimentos e habilidades dos estudantes, além de reunir informações sobre variáveis demográficas e sociais de cada país, também fornece indicadores de monitoramento dos sistemas de ensino ao longo dos anos¹. Diante dos resultados do PISA 2018, no exercício da docência em Língua Portuguesa, observamos que o incentivo à leitura deve ser algo cultivado na escola de uma forma contínua, dinâmica e bem orientada.

Diante da formação de proficiência na leitura, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) alerta que é preciso desenvolver projetos de letramento bem definidos para os indivíduos consolidarem os objetivos da aprendizagem. Em função disso, este documento apresenta objetivos de aprendizagem direcionados a cada ano de escolaridade. Com relação ao 8º Ano, um dos objetivos é:

Ler textos literários diversos, individualmente ou de forma compartilhada, a partir de uma fala expressiva e fluente, e participar de dramatizações, considerando a importância da entonação, expressividade, postura corporal etc. Conteúdo: Leitura expressiva de textos narrativos curtos ou longos, de livros, declamações de poemas/cordéis, repentes etc. (BRASIL, 2017, p.113).

Conforme exposto, há uma orientação para a diversidade de textos e metodologias com fins de alcançar competências especificadas para idade/série. A prática docente deve, pois, verificar o cenário de déficit na aptidão de leitura do aluno e buscar formas de incentivar o gosto pela leitura no ambiente escolar, considerando que o debate em relação ao problema de estimular à leitura está voltado frequentemente às instituições de ensino. De modo que a formação de leitores é um desafio constante nas salas de aula, exigindo do professor uma maior dinamicidade não só no gênero textual ofertado para a leitura, como também no uso de estratégias metodológicas diversas, a exemplo da vivência dos textos através de peças teatrais que vêm trazendo resultados positivos nos leitores, incluindo

¹ Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/pisa/resultados>

mudanças comportamentais devido a uma socialização necessária para a execução das encenações. (FERRAREZI JR; CARVALHO, 2017).

No contexto de formação do leitor no ensino fundamental, a literatura tem uma função social importante a ser desenvolvida (CANDIDO, 2014). Contudo, nem sempre a escola consegue alcançar tal objetivo, o que torna mais problemático enquanto não se entende que o ato de ler literatura em sala de aula não é uma perda de tempo. Sendo assim, é fundamental, para a prática docente, a compreensão de que o ensino da literatura aponta um norte a ser incorporado à prática da leitura, tendo em vista que o campo literário é repleto de saberes e encantos que são revelados ao leitor por meio do exercício da leitura. O contato com a ficção permite ao leitor ampliar sua experiência de mundo através das vivências de terceiros, expostas nas obras literárias.

Assim, a relação com o universo literário tende a transformar a realidade do sujeito leitor, isso porque, na leitura e na escritura do texto literário, temos a possibilidade de encontrar o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. Considerando o que aponta Cosson (2014), planejamos esta pesquisa com o propósito de promover a leitura literária aos alunos com base no texto poético de cordel. O interesse esteve em possibilitar aos discentes uma experiência de leitura capaz de levá-los a extrair, debater e interpretar os sentidos do texto através de um olhar crítico-reflexivo, por meio de cordéis sobre comportamento do ser humano para com a natureza. Para tal adotamos os textos de dois cordelistas, *Os animais têm razão*, de autoria do potiguar Antônio Francisco, e *O planeta água está pedido socorro*, do pernambucano erradicado na Paraíba, Manoel Monteiro.

Partimos da hipótese de que a presença do cordel no ambiente escolar pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura, possibilitando o leitor a discutir o texto fazendo a relação com o conhecimento de mundo que o cerca em sociedade. Em função disso, organizamos uma proposta de intervenção, cujos resultados estão expostos no decorrer deste texto, cientes de que a sociedade, em constantes transformações, proporciona aos alunos viverem em um mundo diferente e com muitas mudanças. Assim, sejam estes sujeitos atuantes ou passivos, fazem parte das mudanças econômicas, políticas, culturais, educacionais e ambientais do planeta. Portanto, enquanto professor de linguagem é importante buscar

desenvolver práticas pedagógicas envolvendo esses sujeitos presentes no ambiente escolar com os conhecimentos adquiridos também fora da sala de aula.

Do ponto de vista da função utilitária da leitura, desde as séries iniciais, torna-se importante garantir a formação de um leitor que seja capaz de entender e dialogar com os textos de forma a apreciar seu estilo, compreender os seus efeitos e sentidos. Sabemos que a linguagem literária tem suas especificidades em termos de forma e conteúdo. Em função disso, desenvolver um exercício de leitura com o texto do gênero literário tende a ganhar uma maior relevância quando na perspectiva do letramento, de modo proporcionar uma melhor percepção linguagem e seu conteúdo. É nesta perspectiva que organizamos, para esta pesquisa, uma prática pedagógica com leitura literária, compreendo esta também em sua dimensão lúdica.

Sendo assim, um dos focos de interesse se dá pelo viés da humanização ao trilhar o aluno pelos diversos mundos que o texto revela ao leitor. A BNCC (2017) destaca os motivos que justificam a abordagem da leitura e da literatura de forma que ambas sejam trabalhadas em conjunto, dessa forma contribuindo para o desenvolvimento de atitudes de respeito e valorização de ser e estar no mundo.

Do ponto de vista do ensino da literatura, Marinho e Pinheiro (2012) discorrem sobre o texto de cordel como instrumento de ensino. Portanto, os autores destacam os folhetos como ferramenta na sala de aula, de modo que sejam consideradas as características peculiares desses textos, e principalmente desfrutar da sua riqueza artística para desenvolver metodologias contribuindo no processo de aprendizagem dos alunos. Diante disso, aplicamos o projeto de intervenção intitulado “Desperta cordel: poesia e realidade”, em uma turma de alunos do 8º ano, em uma Escola Municipal do Ensino Fundamental situada no estado da Paraíba.

A escolha em utilizar a literatura de cordel deveu-se a linguagem e a característica poética do gênero que torna a leitura mais atraente, possibilitando executar uma leitura de forma prazerosa a relacionar, distinguir e comparar as diversas áreas do conhecimento. A ênfase está em contribuir para a formação do leitor ativo através da literatura de cordel, na perspectiva do letramento literário, estabelecendo, para tanto, momentos de reflexão sobre a relação do homem com a natureza. Esse estudo tende a ser relevante por tratar de uma temática bem próxima da realidade dos alunos, a partir de uma proposta metodologicamente orientada de explorar o texto literário na sala de aula.

Partimos da compreensão de que a utilização da leitura da poesia de cordel nas aulas de Língua Portuguesa oferece ao leitor condições para desenvolver habilidades de linguagem e escrita enquanto prática social, de modo que a manifestação da escrita faça o elo com a leitura literária. A orientação é mediada com base no processo em que o leitor passe a dialogar com os textos e não apenas decodificá-los, visando o melhoramento de sua competência leitora.

Este estudo esteve pautado no método da pesquisa-ação uma vez que, nesse processo, os colaboradores utilizaram a comunicação e a informação com o intuito de gerar e orientar as ações necessárias para execução da proposta de intervenção, na qual os agentes são participantes do estudo, e da construção do conhecimento a ser referendado pelo pesquisador. Aplicada a metodologia pelo professor/pesquisador, ou seja, o próprio professor da sala de aula, para coleta de dados, a etapa seguinte se constitui na análise qualitativa dos dados da pesquisa. Para tanto, neste caso, utilizamos de questionários respondidos pelos alunos e dos registros escritos realizados durante o desenvolvimento da intervenção.

Em função disso, utilizamos os referenciais teóricos que abordam a leitura, o ensino da literatura, a formação de leitores, o letramento, o gênero literário cordel e fundamentos da ecocrítica, por meio de referenciais como: Cosson (2014), Marinho e Pinheiro (2012), Zilberman (1988), Candido (2014), BRASIL (2017), Solé (1998), Soares (2011), Garrard (2006) e Gifford (2009), dentre outros.

Além desta introdução, este estudo está organizado em três principais partes. Na primeira, encontra-se uma discussão sobre a leitura literária na perspectiva do letramento e o ensino da literatura com ênfase na ecocrítica. Na segunda, o foco está em aspectos da literatura de cordel, contextualizando a estética e a autoria.

Na terceira parte, têm-se a metodologia e a proposta de intervenção baseada na sequência básica de Cosson (2014), os dados coletados durante a pesquisa e sua análise. Neste momento, estão postos os resultados das oficinas e demais detalhes do conjunto das atividades aplicadas.

Por sua vez, nas considerações finais, encontra-se uma síntese das conclusões da pesquisa. Seguem ainda as referências bibliográficas de base para o estudo, bem como os anexos e os apêndices.

2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UM LETRAMENTO NECESSÁRIO

Do ponto de vista curricular, no ambiente escolar, temos a possibilidade de desenvolver em sala de aula práticas que podem abordar distintos letramentos: matemático, digital, musical, científico, literário, etc. De modo que é vasta a área de experimentação. Para esta pesquisa, conforme exposto, o foco está a discorrer sobre os modos para efetivar o letramento literário no processo de formação do leitor. A leitura do texto literário é não somente pautada pelos referenciais pedagógicos para o ensino fundamental, como se revela uma necessidade de sua prática no exercício do ensino da leitura.

O problema em torno da leitura não é um fato novo. Segundo Zilberman (1988), no Brasil, o consumo da leitura impressa sempre foi baixo devido a diversos fatores, por exemplo, a concorrência com os meios de comunicação de massa, assim, também, como o desfalque de material impresso, o qual possa ser disponibilizado para quem tem pouco poder aquisitivo. Diante dos empecilhos para se ter um acesso maior à leitura, tornou-se transparente que algo deveria ser feito. Assim,

Na tentativa de solucioná-lo, a leitura, segundo se afirma prazer, acaba se convertendo numa obrigação: o Estado precisa prover os leitores com livros, equipando bibliotecas e escolas: o professor deve fazer com que os alunos leiam e gostem; aos editores compete baratear o preço das obras publicadas: é necessário combater e eliminar o analfabetismo. (ZILBERMAN, 1988, p.9).

Segundo Zilberman (1988), a leitura no Brasil enfrentou uma crise nos anos 1970, ao ser constatado que o material disponível para os jovens lerem (incluindo estudantes) não estava tendo a procura esperada por esses leitores. A reforma no ensino no ano de 1970 foi uma tentativa de ascender uma nação de leitores. Na educação escolar, houve uma mudança de cinco para oito anos; essa medida tornou-se obrigatória e a expansão da escolarização contribuiu para o aumento de leitores mirins de literatura, já que o texto literário passou a ter um espaço maior para ser disseminado em sala de aula.

Uma vez que a obrigatoriedade não era mais de cinco anos, as indústrias investiram mais em textos literários direcionados às crianças e jovens, em função disso, usufruíram de reedições de clássicos, coleções originais e obras de novos escritores. Contudo, atualmente ainda é visível que uma cultura de valorização da

leitura e, em particular da leitura literária, precisa de um plano articulador de muitas esferas sociais, incluindo a escola como instituição colaborativa do treinamento contínuo do leitor. Isso se deve ao fato de o ato de ler requerer estratégias que são mutáveis, primeiro porque o texto literário por ser tão rico pode ser usado com objetivos diferentes, segundo a estratégia usada visa um determinado grupo contendo características próprias, portanto, a leitura é pensada para atender especificamente a esse público.

É fato que a leitura direcionada para a assimilação dos valores de uma sociedade pode ser vivida através do texto. Lembrando a tese de Paulo Freire no livro *A importância do ato de ler* (1999, p.11), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Nesse dinamismo, a leitura do texto também pode torna-se um meio de intermediação entre o sujeito e o mundo, no qual o indivíduo adentra nas múltiplas sensações experimentadas no ato de ler.

No ambiente escolar, torna-se importante que o ensino da literatura deva ser incorporado em meio outras atividades almejando a ampliação ao incentivo à formação do leitor. Observemos as palavras de Zilberman (1988, p.112):

Ensinar a ler e escrever tem sido atribuição da escola desde seus inícios, sendo essas atividades estimuladas já nas primeiras séries – ou ainda na pré-escola, segundo algumas orientações – e, praticada em todas as disciplinas. Porém, a responsabilidade pelo incentivo à leitura, incluindo-se aí a introdução à literatura, e aprendizagem da escrita, bem como das maneiras mais adequadas de redigir e falar, cabe invariavelmente ao professor de Língua Portuguesa.

Na prática, sendo a linguagem a área de sua atuação, cabe ao professor de Língua Portuguesa valorizar a interação entre o leitor e texto. Nesse contexto, há a literatura, um bem cultural cujo acesso contribui para o desenvolvimento da educação estética, da sensibilidade, da concentração, dos aspectos cognitivos e linguísticos, do exercício da imaginação, além, de favorecer o acesso aos diferentes saberes sobre a cultura de povos e lugares, tanto do universo fictício quanto real. Para promover a vivência do texto, não há a obrigatoriedade em ser este um texto extraordinário, mas precisa ser fruto de uma leitura significativa para o aluno.

A escola enquanto instituição de ensino também se enquadra em um espaço propício para o letramento, entendendo a linguagem como prática social, de modo que os sujeitos apropriam-se da escrita, criticamente, com a finalidade de interagirem e agirem nos diversos contextos sociais. No entanto, é possível verificar

uma problemática em relação ao ensino da literatura na escola, pois a escolarização realizada sem planejamento adequado ou sem conhecimento a respeito do letramento em questão prejudica ou torna impossível o letramento literário. É necessário, pois, atentarmos para o fato da existência dos textos literários nessa esfera, porque ao fazer parte do currículo escolar, a literatura passa a ser um “saber escolar”, em função disso sua escolarização não pode ser negada, deve ser incorporada em uma instituição com características sistemáticas e assim absorver um pouco da sistematização escolar para a leitura dos textos literários, tendo por base uma metodologia.

O papel da escola está, portanto, em oferecer ao aluno o contato com a literatura, principalmente por vivermos em um país onde se tem observado que a leitura não é algo que naturalmente cativa a maior parte da sociedade, muito menos é acessível a todos. Então, compete aos professores incentivar o ato de ler, repensando práticas enraizadas, e promover a recepção do texto literário a discentes que, muitas vezes, não têm a oportunidade de vivenciar essa experiência na família ou em outros locais propícios a contribuir para a formação desse leitor.

A escolarização da leitura literária é, pois, necessária, visto que deve ser incorporada a literatura no ambiente escolar com intuito de possibilitar o incentivo à leitura nos discentes. O contraste desse processo pode se dar devido à forma inadequada da leitura de textos literários empregada para os leitores. Portanto, entende-se a importância de driblar, ou seja, evitar práticas que desmotivem o aluno ao ato da leitura, a exemplo de ler apenas para preencher uma ficha de leitura. A realidade atual requer que se verifique se o ensino encontra-se cristalizado em formas pouco adequadas que distanciam e comprometem a relação do leitor com o texto literário. Vejamos o que diz Soares (2011, p.28):

Uma seleção limitada de autores e obras resulta em uma escolarização inadequada, sobretudo porque se forma o conceito de que literatura são certos autores e certos textos, a tal ponto que se pode vir a considerar como uma deficiência da escolarização o desconhecimento, pela criança, daqueles autores e obras que a escola privilegia... quando talvez o que se devesse pretender seria não o conhecimento de certos autores e obras, mas a compreensão do literário e o gosto pela leitura literária (SOARES,2011, p.28).

Daí a relevância do uso diversificado de gêneros literários de autores, épocas. Outro ponto relevante é utilizar primordialmente o texto escrito para realização

efetivamente da construção do saber, pois o universo literário é repleto de conhecimentos sociais que são revelados para o leitor no momento do exercício da leitura. Esse contato com a ficção permite ampliar a noção de mundo através da experiência de terceiros, e mesmo assim a sua identidade é preservada. Consideremos o que diz Cosson (2014, p.27):

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

Em função disso, a literatura no contexto da escola deve ser um meio de aprimorar os mecanismos de interpretação para que o leitor seja capaz de relacionar as seguintes esferas: autor, leitor e comunidade. Deste modo a leitura eleva o nível de conhecimento da linguagem. Para Cosson (2014, p.30).

[...] na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos oferece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Nesse processo de leitura e interpretação, concorre o letramento literário, uma prática social de responsabilidade da escola, a quem cabe proporcionar o contato dos discentes com a literatura, mesmo diante dos desafios propostos pelas questões de leitura.

A respeito do eixo leitura, analisemos o que registra a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 69):

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.

De acordo com o citado eixo, é importante observar que o leitor precisa estar envolvido com o texto de modo que o trabalho em sala de aula desperte discussões

de temáticas pertinentes ao contexto social do aluno/leitor, trazendo reciprocamente para a vivência do texto a sensibilização acerca da estética; tal conjunto de ações traz o significado a aquele momento de leitura.

Segundo Cosson (2006, p.12), “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio.” Assim se destina a reforçar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Dessa forma, o letramento literário desassociado da leitura é impossível, pois esse letramento parte do ato de ler e do envolvimento interativo com o texto literário provocando no leitor a aproximação com a linguagem numa concepção enquanto processo de interação.

Diante do elo entre leitura e o letramento em foco, o ato de ler não pode ser uma mera decodificação. Nesse viés, a contextualização é de suma importância, conforme aspecto apontado por Paulo Freire (1999), o qual expõe a leitura como a ação de ler praticada além do decifrar das letras. Ou seja, não deve se esgotar na decodificação pura da palavra, e sim se prolongar a leitura de mundo, de e modo que ambas devem caminhar juntas. Freire constata que (1999, p.11)

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Portanto, a concepção da leitura é dialógica, abordando a interação autor – texto – leitor, cujo sentido da leitura é dado pela ênfase no diálogo entre o texto e os sujeitos. Nesta perspectiva, Koch e Elias (2008, p.11) argumentam que:

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Em relação ao processo de leitura, existem pontos relevantes que levam em consideração as experiências e os conhecimentos do leitor, assim, não basta apenas conhecer o código linguístico, o texto para ter sentido deve ultrapassar a etapa de uma simples atividade de codificação de um emissor. Portanto, a

codificação do emissor para o receptor passivo é algo a ser transformado, porque o leitor precisa ser ativo para encontrar o sentido para o texto.

Desse modo, a leitura não pode ser vista como um ato solitário, uma vez que acontece, na relação texto e leitura, a necessidade de completar e compartilhar os significados que adentram no texto, isso exige do leitor uma participação para, através de suas contribuições, construir a leitura. A respeito da relação texto e leitura, Koch e Elias (2008, p.35) confirmam que:

[...] a leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor, pois, se o autor apresenta um texto incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados, é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuições.

Considerando isso, é possível destacar o papel singular da literatura no ambiente escolar. O exercício de leitura do cordel para a formação de leitores abre as portas da escola para a cultura popular brasileira, possibilitando além do contato com uma linguagem específica a abordagem de temas que socialmente são relevantes para a sociedade.

A linguagem poética encontrada na literatura de cordel veicula um poder a esses textos em disseminar certo prazer na leitura devido à sua estética. Contudo, em sala de aula, a leitura deleite requer ser tratada por meio de atividades metodologicamente orientadas para que dinamize o contato do leitor com o texto, caso contrário, o lado pragmático prejudicará na construção da compreensão textual de uma maneira mais ampla.

É importante destacar que ninguém aprende a gostar de cordel decorando as regras pertinentes a sua estruturação. Conhecê-la é importante, mas não deve ser o foco central nas atividades em sala de aula de Ensino Fundamental. A discussão de temas com a participação dos alunos enriquece a leitura em um nível bastante significativo mobilizando o conhecimento de mundo dos alunos.

Importante, então, no processo da prática docente, verificar em como contribuir com a leitura literária do aluno, de modo que a proposta de leitura do texto de literário no ambiente escolar esteja orientada no sentido da formação de leitores capazes de discutir o texto, tecendo a relação com o conhecimento de mundo que o cerca em sociedade. Refletir sobre os bons comportamentos e respeito ao outro é buscar explorar o lado humanizador da literatura, conforme aponta Candido (2004), o principal fator de ensino da literatura à criança/adolescente, pois a partir do

processo de formação da criança já se deve abordar assuntos relacionados à sociedade, produzindo uma reflexão crítica sobre o meio em que vive, de modo a construir conhecimentos para o exercício da cidadania.

No estudo da poesia, por exemplo, a leitura do poema em voz alta envolve os leitores, com ênfase para as rimas, as entonações que juntas à temática formam a beleza estética da cultura popular. Por isso recomenda-se evitar restringir o texto à leitura silenciosa uma vez que tende a enfraquecer o seu poder de comunicação e recepção. Dessa forma, a recepção ativa deve ser praticada, pois se trata de ouvir/ler com atenção para ativar discussões e sentidos dos textos com o propósito de refletir, e assim buscar construir a compreensão crítica.

Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) quanto a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) citam o texto de cordel como um gênero para ser explorado no ensino da linguagem no segundo ciclo do Ensino Fundamental. Assim, há o reconhecimento dessa produção literária como um instrumento de ensino que pode adentrar nas aulas de leitura dando espaço para a literatura popular na disciplina de Língua Portuguesa, assim como nas demais disciplinas do currículo.

Com efeito, ao professor de Língua Portuguesa cabe olhar o texto literário como um objeto de estudo estético-artístico capaz de incentivar a leitura, e, a partir das dificuldades de leitura dos alunos, aplicar estratégias adequadas para conseguir desenvolver habilidades necessárias à formação do leitor.

Para tanto, segundo Solé (1998), é necessário articular a leitura em diferentes situações – oral, coletiva, individual, silenciosa, compartilhada – e encontrar os textos mais adequados para alcançar os objetivos propostos em cada momento. Vale salientar que a autora deixa claro que a ordem das estratégias de leitura pode ter alteração de acordo com os objetivos direcionados à leitura do texto.

Contudo, a leitura silenciosa tende a preceder à leitura oral, porque o leitor precisa ter o contato inicial com o texto escrito antes de expor a sua leitura oralizada. Em um texto a exemplo do poema de cordel, essa preparação é muito importante, pois compreende a entonação das rimas e das pontuações fazendo a diferença na receptividade do texto.

Por sua vez, a leitura compartilhada abre o espaço para leitores se posicionarem como receptores ativos, conseguindo processar e atribuir significados ao texto escrito, de modo a manusear habilidades de leitura proporcionadoras de

autonomia. Seja por meio de pronunciamentos ou dúvidas, a importância está no fato do aluno lançar seu conhecimento de mundo, suas experiências, assim o professor discute possibilidades valorizando o seu conhecimento prévio.

A respeito do envolvimento do leitor no processo para uma leitura ativa, Solé (1998, p.44) salienta:

[...] ler é compreender e que compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso; também deve dispor de recursos – conhecimento prévio relevante, confiança nas próprias possibilidades como leitor, disponibilidade de ajudas necessárias, etc. – que permitam abordar a tarefa com garantias de êxito; exige também que ele se sinta motivado e que seu interesse seja mantido ao longo da leitura.

Assim, observamos que a ideia de formação de leitores ativos proposto por Solé é condizente com a proposição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual contempla o texto como sendo o ponto norteador das práticas do eixo da leitura, dessa maneira enfatiza o elo entre o leitor e o texto. Considerando que o eixo da leitura literária está diretamente interligado aos campos artístico, literário e sociocultural, torna-se relevante trabalhar com a literatura de cordel para, a partir do texto, suscitar uma leitura com fins de conscientização, no sentido de o aluno compreender e respeitar as diferenças cultivadas nas relações humanas.

O campo artístico-literário é importante porque proporciona trabalhar a leitura literária pelo viés da humanização ao trilhar o aluno pelos diversos mundos possibilitados pelo texto. A BNCC (BRASIL, 2017, p.137) destaca os motivos que justificam a abordagem da leitura e literatura de forma que ambas sejam trabalhadas em conjunto:

Por fim, destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente.

Diante dessa dimensão a respeito da leitura vista nos documentos oficiais sobre o ensino, nunca é demais buscar estratégias de leitura para contribuir com

esse processo de efetivação do leitor ativo. Em relação ao leitor ativo, Solé (1998, p.116) ressalta:

Assim, para que o leitor seja efetivamente um leitor ativo que compreende o que lê, deve poder fazer algumas previsões com relação ao texto; também vimos que algumas características do texto – a superestrutura ou tipo de texto, sua organização, algumas marcas, etc. –, assim como os títulos, as ilustrações que às vezes os acompanham e as informações abordadas pelo professor, por outros alunos e pelo próprio leitor, constituíam o “material” que gerava essas hipóteses ou previsões.

Referente ao componente curricular de Língua Portuguesa do ensino fundamental, a BNCC contempla, no eixo da leitura, o ensino de literatura pautado no texto com fins reflexivos permitindo ao aluno aumentar as habilidades com a linguagem. Para essa fase escolar, registra-se uma competência específica direcionada à leitura literária. Percebamos a respeito desta competência - 09 (BRASIL, 2017, p.85):

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para a fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

É Consenso, portanto, que literatura tem uma função humanizadora a ser explorada a partir da experiência de leitura do texto literário. Ao conceituar a literatura, Candido inclui as produções de poesia popular. Assim, a literatura de cordel também deve ser considerada no leque do direito a todos terem acesso. Do ponto de vista conceitual, segundo Candido (2004, p.147),

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Com efeito, conforme registra o citado crítico literário, a literatura é um bem essencial, por isso não pode ser dispensado seu acesso ao homem, de forma que todo ser humano tem direito à literatura. Um dos motivos para incluir a leitura literária no ensino está na função humanizadora impressa no universo literário. Candido, (2004, p.180) conceitua a humanização através da literatura como:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar os problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

A literatura possui o papel formador devido apresentar textos compostos por valores predominantes na sociedade, essa característica agrupa mais significação ao ensino da leitura literária em sala de aula. Portanto de acordo com os apontamentos de Candido (2004, p.175) notemos que:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Diante do exposto, o texto literário proporciona ao leitor uma experiência ampla das realidades expressas para o plano intelectual, atuando, então na formação do homem, uma vez que, permite refletir sobre temáticas sociais vivenciando os conflitos via literatura. Ao leitor, ajuda no exercício da capacidade crítica por meio da leitura, formando um ser humano capaz de agir com sabedoria e competência na sociedade.

2.1 O ensino da literatura sob o véis da ecocrítica

O ensino da literatura representa um lugar também importante na educação dos novos tempos, pois, assim como as outras artes o fazem, cada uma à sua maneira, a literatura nos coloca em contato com a condição humana e, nesse processo, ajuda a experimentar a nossa relação conosco mesmo, com os outros humanos, com os outros seres que habitam o meio ambiente e, mais que isso, o nosso próprio lugar no universo.

Nesse processo de ensino, um ponto em destaque está em torno da escolha do texto ser tomado como objeto de estudo, pois diversos são os gêneros literários e as temáticas abordadas pelos textos. A relevância da escolha está no fato de saber

que as contribuições do texto literário possibilitam mudar a nossa forma de ver o papel social desse texto, a nossa forma de compreensão do ser literário, bem como a abordagem em sala de aula.

Considerando isso, para essa pesquisa, optamos a trabalhar com a poesia de cordel voltada para a temática do meio ambiente. Um questionamento que nos direcionava era saber qual a importância de abordar questões ecológicas via literatura?

Levando em consideração que no século XXI tem-se o agravamento dos problemas ambientais, assim entendemos precisamente a necessidade de olhar com responsabilidade para a crise ecológica que se instala em todo planeta. Conforme aponta Capra (2008, p. 25):

Ensinar esse saber ecológico, que também corresponde à sabedoria dos antigos, será o papel mais importante da educação do século 21. A alfabetização ecológica deve se tornar requisito essencial para políticos, empresários e profissionais de todos os ramos, e deveria ser uma preocupação central da educação em todos os níveis.

O referido autor ressalta o aspecto ecológico na visão de que todos os seres humanos necessitam compreender que fazemos parte do sistema, no qual a existência de um está condicionada a preservação do outro, caso seja ignorado os elementos naturais, estaremos comprometendo a qualidade de vida e a permanência da nossa espécie na terra.

A interação entre homem e natureza também é assunto para se discutir na sala de aula, o que pode ser feito através da literatura. Portanto, considerando que tais questões também são motivo temático de textos literários, o ensino da literatura nesse viés tem muito a ajudar na função de refletir e conscientizar os leitores da sua atuação como responsável do ambiente onde está inserido.

Uma leitura dentro de uma perspectiva da ecocrítica possibilita ao professor interrogar um texto com questões que vão desde como a natureza é representada no texto literário, até a forma de representatividade dos valores expressos no objeto de análise e se esses são ou não consistentes com a sabedoria ecológica.

É pelas palavras que reconhecemos e nos situamos no mundo. Experiência esta dada pela literatura por meio da leitura, momento em que se tem a possibilidade de experienciar os diferentes conflitos de nossa sociedade, dentre eles, os ambientais. Assim, considerando que a literatura um produto social, a partir

da relação autor, leitor, texto e sociedade, esta se constitui em uma forma de diálogo com o mundo. Com base nesse diálogo, tem-se dada a reflexão sobre a escrita como forma de comunicação entre os seres humanos.

Em 1978, o autor William Rueckert foi o responsável pelo surgimento da teoria ecocrítica, esse termo originou-se da fusão das palavras ecologia e crítica, esse encadeamento da preocupação ecológica com o universo literário aos poucos está sendo disseminado. A partir de então, o silêncio da natureza com o mundo exterior começou a ser rompido trazendo a voz da nova ética de análise literária, a qual se dedica a um tema de suma relevância para a vida do homem. A sobrevivência humana é a sobrevivência da natureza, quanto mais fragilizada ela estiver, mais exposto a uma má qualidade de vida o ser humano estará, isso porque nenhuma tecnologia substituirá por completo a natureza.

No século XX, a discussão das ideias defendidas pela teoria da ecocrítica resultou na implantação da disciplina Literatura e Meio Ambiente, em Nevada, Universidade dos Estados Unidos. Outros estudos nessa linha foram surgindo, mas o que mais fortaleceu essa temática se deve a um fato bem marcante, a associação para o estudo da literatura e meio ambiente (ASLE).

Dentro de uma conceituação mais ampla, Slovic (1999, p. 6) descreve que o plano ecocrítico refere-se ao

estudo de textos explicitamente ambientais por meio de qualquer abordagem acadêmica ou, inversamente, o escrutínio das implicações ecológicas e das relações homem/natureza em qualquer texto literário, mesmo que esse texto pareça, à primeira vista, não se referir ao mundo não humano.

Assim, a concepção sobre a relação do homem com a natureza difere dependendo da postura adotada no campo da ecocrítica. Na visão antropocêntrica, tudo que existe no mundo é de benefício maior dos seres humanos, ou seja, o meio ambiente é uma fonte para satisfazer as necessidades e desejos do homem, essa corrente ainda aponta os seres humanos como responsáveis por todas as suas ações. Com efeito, o antropocentrismo é uma doutrina que tem a figura do ser humano como o centro do mundo, e está ligada ao materialismo das sociedades contemporâneas que visam no crescimento econômico o desenvolvimento social

Enquanto isso, o ecocentrismo está ligado ao ramo da ecologia em sua instância profunda. Nesta linha, a natureza é considerada autônoma, digna, e não

tem correlação com as necessidades e satisfação dos desejos do homem. Nesse contexto, cabe ao ser humano respeitar e proteger o meio ambiente, visto que os bens naturais possuem valores por si mesmos. Observemos a definição de ecocentrismo Pires et al. (2014, p. 612).

Dunlap (2008) propõe a definição de ecocentrismo mais utilizada na atualidade: é o grau em que as pessoas se conscientizam sobre os problemas ambientais e são capazes de empenhar esforços para contribuir na solução ou ao menos demonstrar vontade de engajar-se pessoalmente na questão ambiental. [...] os conceitos em ecocentrismo foram direcionados cada vez mais à compreensão dos valores ambientais.

Conforme apontado, grande parte dos problemas ambientais é causada pelo homem, pois o androcentrismo contribui e muito para o descaso com a riqueza natural, a qual é notada, porém explorada com uma ganância extrema que chega ao ponto de condená-la a extinção. Assim, segundo Garrard (2006, p.42), “talvez valha a pena atacar a hierarquia por meio da inversão dos termos, enaltecendo a natureza, a irracionalidade, a emoção e o corpo, humano ou não humano, em oposição à cultura, à razão e à mente.”

A literatura de cordel expressa, através das temáticas, sentimentos habitados nas diversas esferas do contexto social. Observando, na poesia popular de cordel, a abrangência de diversas temáticas ressaltando as distintas realidades sociais, identificamos cordéis pertinentes ao que queremos propor: questões ligadas ao homem e sua relação com a natureza. Assim, verificamos a possibilidade de realizar uma experiência de leitura com folhetos direcionados à relação da literatura com o meio ambiente, pelo viés da ecocrítica. No âmbito dessa teoria, prima-se o comportamento do homem diante do meio.

Na trajetória da humanidade, o capitalismo ultrapassou o desejo de preservar o espaço natural no qual o homem vive, ou seja, a busca por riqueza (poder financeiro) ocasionou transformações frequentes no setor ambiental. A realidade da relação do homem e o meio ambiente é um problema que inspira preocupação, problemática esta que acaba por se manifestar como motivo literário nos conteúdos de textos literários diversos. Dessa forma a teoria da ecocrítica surge abordando questões direcionadas à literatura ao tratar das relações entre os seres humanos e destes com tudo o mais que existe no universo.

Conforme Glotfelty (1996, apud GARRARD, 2006, p. 14):

A ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra.

Os leitores deparam com leituras reveladoras da ação do ser humano com a fonte de vida da própria espécie, pois nossa sobrevivência e qualidade de vida tem ligação com a preservação dos elementos naturais, há a necessidade social de uma nova ética acerca da natureza e do meio ambiente.

A leitura literária na perspectiva da ecocrítica abre espaço para debater em sala de aula a habitação do planeta terra, de modo solidário, responsável e, sobretudo, viver em harmonia com a natureza. Segundo Magalhães (2019), esse campo ecológico apresenta-se as imagens em três tropos: a pastoral (mistificação persistente da ecologia humana), mundo natural e o apocalíptico.

O tropo “mundo natural” remete nos seres humanos a pureza e humildade pelo prisma da responsabilidade diante de uma natureza reciprocamente entrelaçada à poluição moral e material dos centros urbanos. Isso porque a industrialização, inerente na maioria das cidades, torna mais complexa a permanência da natureza no seu estado selvagem, pois quando o homem é corrompido pela ganância, pensando somente no lado financeiro, a natureza passa a ser renda e não vida. Com essa inversão de valores, tanto um quanto outro tende aos poucos à decadência e à extinção.

A imagem constituída no mundo natural é revestida de um discurso transformador permitindo chamar a atenção para a definição dos termos humano e não-humano, sendo o objeto da ecocrítica a palavra “humano” que, durante a trajetória da história cultural, foi alvo de análise para inspecionar a seguinte indagação: o que diferencia o humano dos demais seres? A respeito dessa distinção Garrard (2006, p. 44) destaca que:

Descartes hiper separou a mente e o corpo e negou aos animais não apenas a faculdade da razão, mas toda a gama de sentimentos e sensações que havia associado ao pensamento. Como resultado, passou a ver os animais como radicalmente diferentes dos seres humanos e inferiores a estes. Eles seriam corpos sem mentes, verdadeiras máquinas.

Outro tropo interessante é o da “habitação natural”, o qual no contexto da ecocrítica tem sua significância do habitar como algo expressivo,

consequentemente, “não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho” (GARRARD, 2006, p.154). Nesse tropo, situa-se a ideia central da responsabilidade da habitação da terra levando em consideração a estadia da espécie humana de maneira ampla, de tal forma que não é pautada apenas a situação atual, mais o que e com qual responsabilidade a terra tem sido tratada pelo homem durante a trajetória do homem e a natureza.

Os apontamentos da teoria ecocrítica também absorvem a representação do animal na literatura, uma vez que, segundo Garrard (2006, p.197), esses seres não racionais “podem ser vistos como aliados importantes da visão ecocrítica, se não rigorosamente um ramo dela”, porque ele “também tem uma gama importante de funções como tropo” (GARRARD, 2006, p.197). De fato, quando se observa a relação homem e natureza sempre teremos um completo ecossistema, no qual os animais fazem parte diretamente ou indiretamente, e o homem tende a precisar mais deles do que eles do homem, pois os animais vivem sem o homem dentro do seu *habitat* selvagem, já os humanos buscam a sobrevivência na natureza, inclusive desfrutando de benefícios econômicos, de forma descontrolada, chegando muitas vezes a causar a exaustão dos recursos naturais e dos animais, isso quando não provoca a extinção.

Assim, o tropo habitação com responsabilidade está intrinsicamente ligado ao setor animal, uma vez que destruir a vida desses seres é um ato de irresponsabilidade, coisa que contraria ao que se propaga quando o termo habitar, além disso, os animais caracterizam uma imagem muito importante nos tropos, pois esses seres tidos por irracionais também têm uma função a desempenhar em meio ao ciclo ecológico.

A acepção dos valores ecocríticos, pois, comunica-se com a formação do leitor através do texto, possibilitando surgir dessa interação a plurissignificação do texto literário emergindo o eu do aluno e a inquietação que a leitura do texto provoca. Com efeito, tal oportunidade possibilita ao leitor contato com a interdisciplinaridade, a criatividade, a imaginação e a afetividade, esses fatores são valiosos na trajetória da fruição do leitor.

Gifford (2009) destaca o movimento de aceitação de uma nova ética a respeito do estudo da representação da natureza na literatura pela crítica teórica

interna, inclusive vinculou-se a outras esferas de pesquisa que compactuam com a ecocrítica, de tal forma que os debates sejam geradores de um diálogo que mantenha o elo entre a crítica e a criatividade. Esse movimento não tem uma metodologia desenvolvida, apesar de ser datado de 1995 o primeiro congresso da Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente (ASLE). Mesmo assim, é crucial observar a interdisciplinaridade que a teoria ecocrítica assume do panorama do ensino da literatura pelo viés ambiental.

Embora não se constate as controversas ecocríticas, essa teoria apresenta duas visões acerca do seu desenvolvimento, uma delas denominada por Cohen em Gifford (2009, p. 245), de “escola da canção de louvor”, a qual se refere à primeira fase dos estudos ecocríticos, por essa ótica a natureza é revestida pelo realismo e respeito, enquanto isso, na segunda fase, é destacado o ambientalismo atual.

Ainda focalizando as fases das pesquisas ecocríticas vale salientar que, Lawrence Buell, faz uma discussão voltada para ambas as fases ecocríticas trazendo como fruto do diálogo a ideia da necessidade da conscientização para um trabalho realizado abrangendo a constituição de lugar pela natureza e pela cultura, “para uma compreensão constituição-de-lugar como um processo culturalmente conjugado no qual a natureza e a cultura devem ser vistos como mutualidade e não domínios separados”. Gifford (2009, p. 249 apud BUELL, p. 24). De acordo com esse pensamento de intersecção, Buell, de certa forma, incorpora à ecocrítica a globalização que na primeira fase não é mencionada. Vejamos o que diz Terry Gifford (2009, p. 250):

É nesse espírito que ele revisita sua fenomenologia pentadimensional do subjetivo apego-ao-lugar elaborado em seu último livro, para admitir agora uma necessidade de considerar as dimensões socio-econômicas de lugar mais socialmente construídas que moldam, e podem estar tensionadas, com a experiência subjetiva de lugar.

Essa linha de pensamento – que deixará surpresos analistas culturais contemporâneos ao descobrirem que ela está largamente ignorada pelos ecocríticos da primeira onda, em seu foco nas narrativas de epifania pessoal – leva Buell para a consideração da globalização, como previu Cohen.

Essa discussão a respeito da globalização sugere uma exploração mais global, que leve em consideração a subjetividade do lugar em seus aspectos gerais. No entanto essa possibilidade é vista por Garrard como um assunto a ser trabalhando no tempo futuro. Em meio a hipóteses do que possa surgir no caminho

dos estudos ecocríticos, Terry Gifford alerta que Buell observou o desafio posto à ecocrítica, no livro elaborado por ecofeministas (ideia centrada no cuidado com a natureza), em *The Ecocriticism Reader* (Antologia ecocrítica, 1996 apud Gifford, 2009, p. 252):

a menos que a ecocrítica possa diretamente discutir a questão do como a natureza é importante para aqueles leitores, críticos, professores e estudantes para quem a preocupação ambiental não significa preservação da natureza, primeiramente, e, mais importantemente, para quem a literatura e a poesia da natureza, e a narrativa silvestre não parecem ser as formas mais atraentes da imaginação ambiental, então o movimento pode fissurar ou minguar.

Diante do exposto, Buell não acredita na hipótese dos estudos ecocríticos sofrerem um impacto prejudicial ao desenvolvimento dessa teoria, pelo contrário, ele sugere novas narrativas para um estudo futuro abordando como temática a doença ambiental e a literatura de refugismo².

Portanto, estudar o texto literário lançando o olhar peculiar da teoria ecocrítica é levar ao entendimento do leitor a interligação do homem com a natureza, incluindo plantas e animais, não apenas os elementos mais visados como fonte de vida, como por exemplo a água, o ar, mas todos os recursos naturais existentes, pois cada um tem um papel elementar no processo vital do ser humano.

² Sua sugestão (Lawrence Ingalls Buell) é de que esse tipo de narrativa deveria ser buscado numa base mundial e, de fato, é amplo o alcance das referências nesse livro, que oferece muitos textos em tradução para futuros estudos. O segundo tipo de narrativa é denominado por Buell de “literatura de refugismo” – cujo assunto é o mesmo de muito de *The Country and the City* “O campo e a cidade”. (GIFFORD, 2009, p.254.)

3.0 A LITERATURA DE CORDEL: ASPECTOS CONTEXTUAIS, ESTÉTICOS E AUTORAIS.

Tratar de literatura é reconhecer que existe uma história que perpassa a relação texto e sociedade. A história da literatura de cordel tem os registros de seus primórdios no período do Renascimento quando os relatos tradicionais dos trovadores foram impressos. Com o apoio da impressão, a produção de cordel foi sendo cada vez mais disseminada para outras localidades. Inclusive está adentrando na área educacional devido às suas características e temas diversos. Assim, o cordel possibilita sua utilização em sala como um instrumento pedagógico a cativar nos alunos o interesse pela leitura ao convidar o leitor para mergulhar na riqueza de conhecimentos dessa poesia.

A literatura popular de Cordel, uma vez presente no ambiente escolar, possibilita ressaltar seu estilo, principalmente explorar o jogo sonoro das suas rimas que muito conquista e encanta o leitor. Contudo o trabalho com o cordel não se esgota em seus aspectos estilísticos e formais, sua abrangência pode ter outros fins de aprendizagem o que requer uma ação planejada, evitando limitações e equívocos, como alerta Helder Pinheiro (2018, p.12):

[...] a abordagem se prende mais a questões formais (tipos de versos, rimas), teóricas (conceitos como eu lírico), pouco favorecendo uma aproximação lúdica do texto que estimule a percepção da fantasia, da musicalidade e o diálogo do leitor com o texto.

Do ponto de vista contextual, a produção de literatura de cordel no Brasil traz traços fortes advindos de Portugal. O seu nome e suas características têm raízes na trajetória histórica dessa literatura, esse fato determinou certas semelhanças do cordel do Brasil com o de Portugal. A literatura de cordel já era conhecida em Portugal no século XVII; veio para o Brasil com a denominação de cordel porque seus folhetos eram vendidos em feiras ou em casas pendurados em corda ou barbante; assim, a literatura de cordel corresponde a folhetos expostos presos em corda para venda.

Segundo Marinho (2012), surgida no século XVIII no Brasil, a literatura de cordel ganhou muita expressão a partir do século XIX, principalmente no interior do Nordeste, fazendo parte da vida dos nordestinos, principalmente daqueles que habitavam a zona rural. Ainda no século XIX, o Brasil enfrentou uma crise financeira

afetando vários setores da sociedade, o que causou um êxodo rural significativo. Com efeito, os escritores de folhetos saíram do campo levando consigo a cultura popular guardada em suas lembranças, as histórias, cantorias, cocos, etc... Estando na cidade, os poetas transpuseram para o papel as rimas que transcendia a cultura do povo socializada em praças e feiras da cidade.

Se o gênero literário cordel originou-se de relatos e manifestou-se através da oralidade, com o advento da escrita e sua impressão, possibilitou-se ampliar o acesso às suas produções. Desta maneira ocupou tanto o universo oral quanto à forma escrita. A respeito dessa expansão, Marinho e Pinheiro (2012, p.18) afirmam:

O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamam os versos, ora cantam em toadas semelhantes às tocadas pelos repentistas. São nordestinos pobres e semianalfabetos que entram no mundo da escrita, das tipografias, da transmissão escrita e não apenas oral. A poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país.

O fato dessa literatura popular ter sido transposta para o escrito de certo modo veio facilitar o seu uso em sala de aula, uma vez que possibilita o acesso a uma diversidade de folhetos de temáticas variadas. A oralidade não invalida a diversidade de assuntos; o que se destaca é o fato de que aspectos da oralidade ganham sentido e concretização no material escrito, possibilitando a chance de uma maior propagação e preservação.

Considerando que uma das características fundamentais da literatura popular é a expressividade, a qual é atingida, em sua plenitude, através das marcas da oralidade, compreender a estilística dessa linguagem é busca entender a capacidade de provocar sugestões e emoções através de certas fórmulas e efeitos de estilo. O cordel possui características próprias começando da sua confecção física até a composição estrutural do texto. A estética do cordel tem traços do gênero poema com rimas dispostas nas estrofes, pontuando a musicalidade ao texto.

O cordel utiliza recursos semânticos possibilitando uma linguagem com sentidos construídos com ênfase, por exemplo, na ironia, no humor, e possuem outras características fundamentais de caráter estético a citar, a composição dos versos que seguem uma métrica com padrões, nos quais os versos podem ser

heptassílabos ou decassílabos. As estrofes obedecem a um número de versos, podendo ser quadras, sextilhas, sextilhas, oitavas ou ainda décimas. As rimas normalmente são fáceis. Assim, o cordel segue um conjunto de regras: rima, métrica e oração. A literatura de cordel utiliza modalidades desde a redondilha menor (cinco sílabas) até o Grande Alexandrino (12 sílabas).

Entre as métricas mais comuns no cordel, tem-se a sextilha (composta de seis versos de sete sílabas), a septilhas (sete versos de sete sílabas), décimas (dez versos de sete sílabas), além de martelo agalopado (dez versos de dez sílabas) e galope à beira mar (dez versos de 11 sílabas). De acordo com a classificação que as rimas recebem, elas obedecem a determinadas sequências. As emparelhadas (AABB), alternadas (ABAB), intercaladas (ABBA) e as encadeadas que diferente das demais, a sua disposição se encontra no interior dos versos.

Do ponto de vista temático, diversos são os assuntos possíveis de serem abordados. Contudo a questão social tem, ao longo do tempo, adquirido e desenvolvido funções diferentes conforme o contexto social. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p.88),

A literatura de cordel, ao longo de sua história, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Podemos apontar no cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade.

A arte poética do cordel além de apresentar assuntos que remetem a fatos históricos e culturais, também adentram nos acontecimentos atuais, pois os cordelistas estão atentos a dinâmica da sociedade contemporânea, assim é transferido para suas obras temas diversos, a exemplo da preocupação com o meio ambiente, um assunto bastante debatido na contemporaneidade.

Outro recurso singular da Literatura de Cordel é a xilogravura, uma gravura em relevo sobre prancha de madeira (FERREIRA, 2000). A estampa tirada por esse processo é utilizada para ilustração da capa, uma característica típica dos folhetos de cordel, na qual as imagens impressas da forma original são feitas com técnicas que tornam a sua criação artesanal.

Essa arte é uma técnica em que se entalha a gravura na madeira, com ajuda de um instrumento cortante, após este procedimento, usa-se um rolo de borracha embebida em tinta, tocando só as partes elevadas do entalhe. O final do processo é

a impressão em alto relevo no papel, que fica impregnado com a tinta, revelando a figura.

Estudos afirmam não ser possível identificar a origem exata da xilogravura no Brasil ou quando ela começou a ser utilizada, mas acredita-se que ela tenha sido trazida pelos missionários portugueses, ensinada aos índios e desde então tem se multiplicado, assumindo novas formas e contando a história de um povo cheio de imaginação e de cultura.

Do ponto de vista de construção de significado, Santos (2016, p. 26) considera que a:

Xilogravura é um artefato poderoso de apresentação do cordel, uma vez que se relaciona diretamente com o tema em questão. Além do que, para o contexto de sala de aula, onde os alunos reclamam das leituras longas e sem ilustrações, ela serve como elemento motivador de leitura. Inclusive, atende a perspectiva interdisciplinar quando se propõe a discussão sobre o fazer artístico da produção cultural da xilogravura.

Quanto à autoria do texto de Cordel, estudos apontam como o pioneiro da literatura de cordel o poeta Leandro Gomes de Barros (1865-1918), sendo considerado o responsável pelo marco inicial do cordel brasileiro no ano de 1893, exatamente nessa data o cordelista publicou seus primeiros poemas. Reconhecido como o nome de maior expressão na literatura de folhetos da época, na historiografia literária do cordel, divide espaço com outros poetas como Inácio da Catingueira, Romano da Mãe d'Água e o próprio Pirauá. Momento em que havia uma presença marcante da oralidade, pois, nesse tempo, eram poucos os alfabetizados.

Com o aperfeiçoamento da comercialização do cordel, essa literatura atingiu um alto grau de profissionalismo, com o poeta Athayde paraibano estabelecido no Recife, Manoel Camilo dos Santos, que pontificou entre Guarabira e Campina Grande, são José Alves Pontes (Guarabira) e Manoel Monteiro (um dos representantes do cordel em Campina Grande).

No Rio Grande do Norte também temos importantes representantes da cultura popular, a exemplo: Celestino Alves, Benito Barros, Diógenes da Cunha Lima, Esmeraldo Siqueira, Antônio Francisco Teixeira de melo, Mário Gerson, entre outros. Dentre esses poetas cordelistas de grande expressão na literatura de cordel, destacaremos na pesquisa Antônio Francisco e Manoel Monteiro.

O primeiro cordelista cujo texto será objeto de estudo nesta pesquisa é potiguar, residente em Mossoró, Antônio Francisco Teixeira de Melo, com poema o *Os animais têm razão (2016)*, chamando a atenção para questões da realidade atual referente ao meio ambiente, apresentado nos versos ludicidade e humor. Filho de Francisco Petronilo de Melo e Pêdra Teixeira de Melo, Antônio Francisco é graduado em História pela Universidade Estadual do RN. Aos 46 anos, começou a publicar seus primeiros trabalhos. Em 15 de Maio de 2006, tomou posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel-ABLC, da cadeira de nº 15, cujo patrono é o cearense Patativa do Assaré. Os livros do poeta são: *Dez cordéis num cordel só, Por motivos diversos, Veredas de sombras, Sete contos de Maria, O olho torto do rei*, e atualmente está se dedicando na produção do texto intitulado de Quatro léguas e meia de cordel.

O segundo poeta abordado é Manoel Monteiro, conhecido como grande influenciador para a inserção da literatura de cordel na sala de aula, inclusive nas escolas de Campina Grande no estado da Paraíba, onde residia desde 1950. Este ocupou a cadeira de nº 28 da Academia Brasileira de Literatura de cordel.

O cordelista Manoel Monteiro publicou mais de 250 cordéis. Nasceu em Bezerros, P.B em 1937. Como já mencionamos possui uma vasta publicação, por exemplo: *A estória de E.T. o homem de outro mundo, A estória do rei, do rato, e do gato, Ah! Que saudade danada do sertão de antigamente, A mulher de antigamente, a mulher de hoje em dia. Exaltação a cachaça, Pinóquio ou o preço da mentira, Uma história de amor ou a louca dos caminhos.*

Faleceu em 2014, aos 77 anos. Ao logo da sua trajetória com o cordel começou a escrever cordéis mais direcionados aos temas atuais da sociedade. O poeta passou a denominá-los de “Novo Cordel”. Atualmente é considerado um importante cordelista principalmente pelo incentivo do uso do cordel na escola como instrumento de ensino que reciprocamente expande a cultura popular. Dentre os cordéis do poeta, destacaremos o folheto, *O planeta água está pedindo socorro (2011)*, o qual traz por abordagem um tema atual voltado ao meio ambiente. Tema este possível de ser estudado em sala de aula, incentivando os alunos a realizar uma leitura focada na realidade representada no texto literário e a realidade externa a este.

A leitura desses textos de cordéis pode ser trabalhada em sala de aula com orientação dupla, tanto para incorporar a leitura literária (forma e conteúdo) quanto com fins de conscientização, direcionada pela problematização e reflexão dos temas representados no texto poético. E, por esse viés, foi proposto aos alunos fazer a leitura do poema de cordel de Antônio Francisco, intitulado *Os animais têm razão*. Neste poema, o autor incorpora a imagem dos seres não racionais, porém na condição de animais que raciocinam; enquanto o ser humano observa, criando um jogo de cartas inversas na “realidade ficcional”, permitido pelo texto literário.

Por sua vez, o cordel *O planeta água está pedido socorro*, de autoria de Manoel Monteiro, também mostra a relação do homem com a natureza. Neste, o foco está na dependência da espécie humana para com os elementos naturais, especificamente a principal fonte de vida: a água.

3.1 *Os animais têm razão*: por trás da rima, o choque de realidade

Os animais têm razão é um folheto composto por 35 estrofes, sendo que 34 estão dispostas em sextilhas e apenas a última é formada por sete versos. Foi publicado em 2006 em formato de folheto. Seu enredo gira em torno do debate realizado pelos animais que discutem as ações dos seres humanos, essa conversa acontece debaixo de um juazeiro, em meio à euforia, os animais manifestam-se com palmas e gritos após a fala de cada personagem.

O cenário sertanejo descrito pelo eu-lírico cria a imagem cruel da escassez da água causada pela seca. Contudo, o juazeiro, com suas folhas esbanjando vitalidade, simbolicamente, representa a luta pela resistência, na beleza da copa da árvore tão paradoxal ao ambiente predominado por galhos secos maltratados que morrem devido ao forte avanço dos raios solares. Apesar de o tom do clima inicial do cordel ser de um cenário muito próximo da realidade, a partir da 4ª sextilha começa a surgir no poema o caráter fabuloso, pois temos como personagens principais animais falantes, e os seus discursos encaminham o leitor a refletir sobre como o homem tem tratado os animais. Assim trazem em suas vozes uma lição que propicia a reflexão dos nossos atos enquanto parte integrante da natureza:

E foi debaixo de um deles
Que eu vi um porco falando,

Um cachorro e uma cobra
 E um burro reclamando,
 Um rato e um morcego
 E uma vaca escutando.
 (FRANCISCO, 2016, p. 2)

O porco dizia assim:
 – “Pelos barbas do capeta!
 Se nós ficarmos parados
 A coisa vai ficar preta...
 Do jeito que o homem vai,
 Vai acabar o planeta.
 (FRANCISCO, 2016, p. 3)

É visível em todo poema aspectos similares do gênero fábula³, os personagens são quase todos os animais. Além de humanizá-los, traz a reflexão que os seres humanos não têm razão, conforme o ponto de vista de cada integrante que está fazendo parte da reunião. Diante dos argumentos expostos nas estrofes, temos o ensinamento das atitudes efetivadas pelos seres racionais, as quais precisam ser repensadas, pois muitas vezes agem de forma tão irracional.

Neste folheto de cordel, há certo encantamento lúdico com personagens revestidos de características humanas, e essa personificação atribuída aos animais acaba por envolver os leitores na leitura possibilitando uma maior afetividade para a vivência do texto literário. Os versos remetem ao mundo animal, nestes são expostas experiências e opiniões destacando a relação comportamental do homem. Na 11ª sextilha, tem-se a representação do descaso com a natureza, como é evidenciado no discurso do porco:

Já sujaram os sete mares
 Do Atlântico ao mar Egeu,
 As florestas estão capengas,
 Os rios da cor de breu
 E ainda por cima dizem
 Que o seboso sou eu.
 (FRANCISCO, 2016, p. 3)

O tom irônico na fala do porco pontua uma crítica à falta de respeito e proteção ao meio ambiente, para tal usa como comparação a principal característica

³ A fábula é um desses tipos de história de que estamos falando e são contadas há mais ou menos 2.800 anos. Geralmente, elas apresentam uma cena, vivida por animais, plantas ou objetos que falam e agem como se fossem gente. Elas são contadas ou escritas para dar conselho, para alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, para transmitir algum ensinamento, para fazer alguma crítica, uma ironia, etc. Por isso, muitas vezes, no finalzinho das fábulas, isto é, quando a história acaba, aparece uma frase destacada, que costumamos chamar de moral da história. (FERNANDES, 2001, p. 17).

atribuída ao porco, ou seja, o fato de ser julgado como um animal que gosta da sujeira, mas no discurso os papéis estão claramente invertidos, demonstrando o homem atuando de forma incoerente quando polui as águas nas quais futuramente ou imediatamente entrará em contato.

O personagem homem escuta a reunião dos animais, é a típica figura do homem castigado enfrentando o dia a dia como pode, faz de uma árvore o seu dormitório sem reclamar da falta de condições apropriadas para o humano descansar. Como podemos observar nos versos:

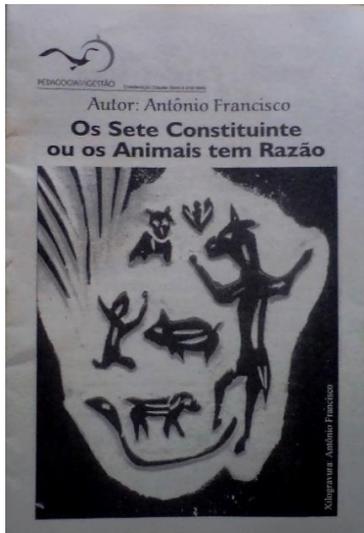
Eu vinha de Canindé
Com sono e muito cansado,
Quando vi de perto da estrada
Um juazeiro copado.
Subi, armei minha rede
E fiquei ali deitado.
(FRANCISCO, 2016, p.2)

No decorrer do poema, enquanto o personagem “homem” silencia, a voz da realidade metaforicamente apresenta-se com os personagens animais que não camuflam as verdades negativas que pesam nos atos dos humanos no plano da convivência. De forma que o comportamento do homem é bastante questionado no cordel, *Os animais têm razão*.

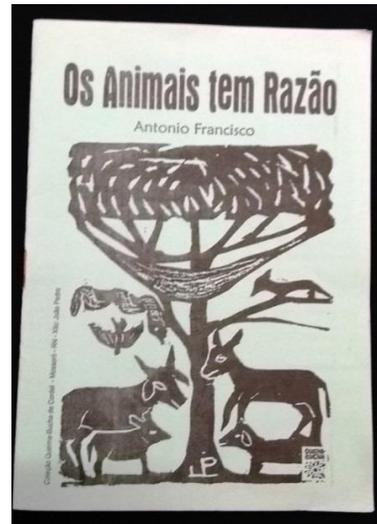
Este cordel traz na capa a xilogravura que convida o leitor a uma leitura imediata, porque representa o sentido geral do texto através das figuras dos sete animais e do juazeiro, essas imagens remetem ao cenário e a temática abordada no interior da história, logo o discente relaciona o conteúdo dos versos a natureza e descobrem quem são os principais personagens, mas para satisfazer a curiosidade a respeito do enredo, é indispensável a leitura completa do cordel.

Conforme Santos (2016), a xilogravura tem um papel fundamental para aguçar no leitor a leitura através das imagens. Perceber na linguagem não verbal as impressões, sentimentos e mensagens da obra é uma experiência que desencadeia uma manifestação de sentidos para a leitura daquele texto; toda essa manifestação é vista quando o aluno entra conotativamente no mundo literário, no qual a imagem torna ainda mais atrativa à literatura de cordel. Isso porque a xilogravura representa um pouco do que contém nas estrofes, mas não revela por inteiro o conteúdo, e é isso que deixa a leitura interessante, ou seja, instiga a curiosidade em desvendar o enredo e descobrir qual será o final. Nessa situação consegui contextualizar e unir a

poesia ao estudo do meio ambiente, apesar da tristeza causada pela destruição do homem.



Xilografia:⁴ Antônio Francisco



xilografia: João Pedro

Alguns cordéis trazem na capa uma ilustração, pintura que não é exatamente produto de uma xilografia. Às vezes é o próprio poeta quem produz, outras vezes não, nesse caso a ilustração da capa do folheto abaixo tem como autor Rafael Limaverde. Não foi possível providenciar os cordéis com a xilografia feita por Antônio Francisco, portanto, fora utilizado para leitura junto aos alunos o exemplar publicado em 2016 no formato de folheto de cordel. Mesmo assim, foram expostas as xilogravuras acima para os alunos, uma forma de se observar e conhecer a diferença entre a arte da xilografia e a ilustração.

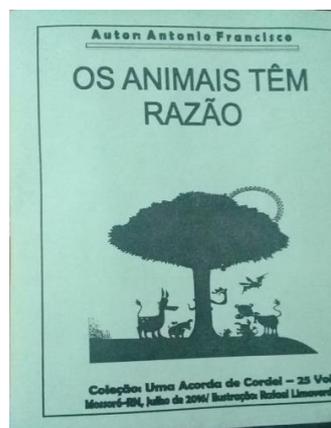


Ilustração: Rafael Limaverde. (Acervo pessoal).

⁴ Imagens do acervo pessoal de Kydelmir Dantas.

No poema temos oito personagens, sete deles são personificados: um porco, um cachorro, uma cobra, um burro, um rato, um morcego e uma vaca. Os testemunhos de cada um revelam situações diferentes que denunciam o quanto a sociedade é palco de comportamentos questionáveis praticados socialmente. Por isso a leitura traz a probabilidade de modificar as atitudes dos jovens, transformando-as quando necessárias. Vejamos o rato que, em tom de indignação, relata:

Os bichos bateram palmas,
O porco deu com a mão,
O rato se levantou e disse:
– “Prestem atenção,
Eu também já não suporto
Ser chamado de ladrão.

O homem sim, mente e rouba,
Vende a honra, compra o nome.
Nós só pegamos a sobra
Daquilo que ele come
E somente o necessário
Pra saciar nossa fome.
(FRANCISCO, 2016, p. 3-4)

Nessas duas estrofes, notamos que o desrespeito prevalece em relação à convivência do homem com os animais, especificamente com o rato que não aguenta mais a situação de humilhação e julgamento que recai sobre sua imagem. Novamente é tecida comparações no plano imaginário, mas não deixa de revelar o quanto o homem maltrata esses seres que na vida real são vítimas do antropocentrismo, ou seja, os animais sofrem maus tratos do homem que se coloca como centro, sendo prioridade em relação aos demais, assim sua ganância leva ao desrespeito com as outras espécies.

A característica venenosa própria da cobra no sentido literal é um artefato utilizado no texto para representar o perigo que, de forma comparada, prejudica às espécies. Na relação entre a natureza e o homem destacada nesse cordel, segue um dualismo que se desenvolve numa leitura direta e indireta. No que se refere à natureza em si, percebemos dois sentidos possíveis de analisar os seus significados quando a cobra diz:

Pra vocês o homem é ruim,
Mas pra nós ele é cruel.
Mata a cobra, tira o couro,
Come a carne, estoura o fel,
Descarrega todo o ódio
Em cima da cascavel.
(FRANCISCO, 2016, p. 4)

Por outro lado, o homem é atingido pelo seu próprio veneno que chega a ser apontado como mais ofensivo que o da víbora, o que é lembrado pela atitude desumana da guerra:

Entre os venenos do homem,
O meu se perde na sobra...
Numa guerra o homem mata
Centenas numa manobra,
Inda tem cego que diz:
Eu tenho medo de cobra
(FRANCISCO, 2016, p. 5)

O cordelista Antônio Francisco põe traços humorísticos no discurso do cachorro, essa característica enriquece ainda mais o lado lúdico através do discurso com traços de humor, uma vez que chega a ser divertido imaginar a situação em que fosse aplicada no homem a vacina da raiva, chegando a ser hilária a forma que é disposta a fala do melhor amigo do homem. Vejamos:

Eu nunca vou entender
Por que o homem é assim:
Se odeiam, fazem guerra
E tudo o quanto é ruim
E a vacina da raiva
Em vez deles, dão em mim".
(FRANCISCO, 2016, p.7)

A última estrofe do cordel é diferenciada das demais na quantidade de versos, trata-se de uma septilha, coincidindo com o mesmo número de animais que são protagonistas do folheto. Sem dúvida os animais simbolizam a natureza, por isso, o registro no texto da preocupação com o meio ambiente, que está bem clara no desfecho da história:

Hoje, quando vejo na rua
Um rato morto no chão,
Um burro mulo piado,
Um homem com um facão
Agredindo a natureza,
Eu tenho plena certeza:
Os bichos tinham razão.
(FRANCISCO, 2016, p. 8)

O poeta usa do eu-lírico para veicular a mensagem que, no lugar de maltratar os animais, precisamos protegê-los, assim também como a natureza em geral

requer mais cuidados, diante dos relatos presentes nos versos é praticamente impossível não concordar que os animais estão com a razão.

É significativa, pois, a leitura desta literatura, tendo em vista que o folheto “os animais têm razão” possibilita criações pedagógicas com a vivência do texto literário a partir da leitura associada ao aspecto ao lúdico. A musicalidade encanta e desafia o discente a decifrar os sentidos do eu poético, possibilitando um leitor ativo a buscar a significância nas rimas.

3.2 O planeta água está pedido socorro: no percurso de uma educação ecológica

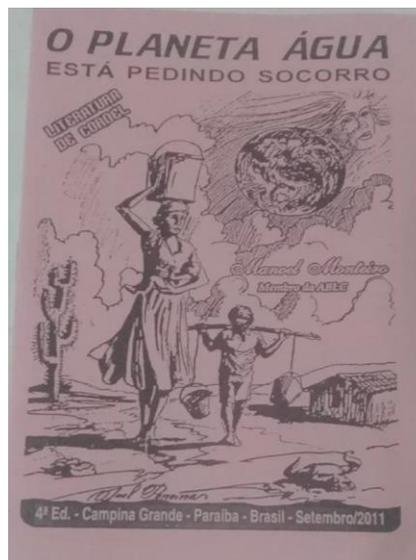
Objetivando o equilíbrio entre o homem e o meio ambiente, a Educação Ambiental é uma vertente da educação direcionada aos assuntos relacionados à interação homem-ambiente, despertando nos indivíduos uma consciência crítica sobre os problemas ambientais existentes no planeta. Desse modo, não diz respeito somente à preservação ambiental, ao lixo, à poluição, à proteção dos animais, etc., pois, ao considerar o ambiente em sua totalidade, adquire um caráter mais complexo, incluindo os aspectos naturais, políticos, econômicos, históricos e culturais.

Considerando isso, a educação ambiental precisa iniciar no lar de cada indivíduo, por isso é primordial conscientizar a família da importância do meio ambiente nas vidas das pessoas. Assim também, no espaço escolar, deve-se desde cedo desenvolver nos alunos o gosto pela preservação e conservação dos recursos naturais, ampliando uma educação que se desenvolve em casa, escola, bairro, etc.

Tratando do tema, o cordelista Manoel Monteiro com sua linguagem poética nas 46 estrofes do folheto *O planeta água está pedido socorro*, discorre nas septilhas a necessidade incontestável de utilizar a água com racionalidade, principalmente a água apropriada para beber, porque a quantidade é muito reduzida em relação a água do mar:

Água pura de beber
É bastante limitada,
Água salgada tem muita
Mas de toda água somada
Pelo que já apurou-se
Dois por cento é água doce
O resto é água salgada.
(MONTEIRO, 2011, p. 3)

No citado cordel, publicado em 2011, o caráter conscientizador já se anuncia no título, *O planeta água está pedindo socorro*, transparecendo a situação catastrófica do meio ambiente. É um cordel que retrata o problema da escassez da água que atualmente atinge de uma forma geral a população. Os verbetes “socorro” e “planeta” são diretamente ligados a um sentido que, impressos no título, revela a dimensão do problema.



(Acervo pessoal)

A imagem pintada na capa do folheto encaminha a leitura, considerando ser a água um elemento de fundamental importância. O título de letras grandes chama a atenção do leitor para síntese (planeta- água), além disso, a ilustração leva o leitor a refletir sobre a imagem que provoca tristeza, necessidade, ou outro sentimento inverso à satisfação.

A ilustração é bem sugestiva em relação ao tema. Os desenhos retratam a devastação da natureza afetando o indivíduo. No cenário, aparecem animais e pessoas agredidas pela seca, essas visivelmente configuram vítimas na relação de sobrevivência entre o ser vivo e o meio ambiente. De acordo com o contexto situado pela linguagem não verbal, trata-se de uma realidade que todos conhecem, mas nem todos sentem ou sentiram na pele. Assim, percebemos que a temática pode ser discutida na escola, uma vez que o cordel expõe um problema que deve ser posto à reflexão no ambiente escolar, considerando que o uso desse recurso natural (água) precisa ser feito de forma racional.

Na capa, têm-se imagens que denunciam o quanto o descaso com a escassez da água torna a vida das pessoas mais difícil, principalmente para aqueles que possuem poucas condições financeiras. A associação do título com a linguagem pontua um tom de alerta (Socorro!), em especial quando focamos na carcaça do bovino que teve a vida ceifada pela ausência da água que, em efeito cascata, vai minando também com a alimentação. Assim, minimizada as chances de sobrevivência, a morte vem de forma cruel matando aos poucos os rebanhos e a qualidade de vida dos humanos.

Diante desse caos representado na capa do cordel, é possível afirmar que junto à morte física tem-se a morte da esperança? Não exatamente, porque o cordel “O planeta água está pedindo socorro”, constrói-se por uma linguagem que tem explicitamente e nas entrelinhas a esperança de ver a atual geração preservar o líquido fundamental à vida (água) para as gerações futuras.

Aqui, como no cordel anterior, a atuação do cordelista é bem expressiva, ao construir determinadas rimas sob um caráter conscientizador a estimular o leitor a refletir sobre as ações que os seres humanos realizam sem se colocar na situação do outro, a exemplo da geração futura. O problema em foco é que a indiferença com a natureza não traz constrangimento, ou seja, o que é coletivo, por não ser privado, é pouco cuidado; de forma que, se não pertence a nenhum cidadão como proprietário oficial, ninguém ou poucos zelam pelo bem. No entanto, cabe a cada um mudar o pensamento e conviver respeitando o que está em sua volta.

Na primeira estrofe do poema, o emprego do pronome “você” exerce a função de intermediador entre o leitor e o autor. Essa interação com o público é uma característica presente na abertura do cordel, criando um diálogo com o texto de tal modo que o leitor se sente atraído para o processo comunicativo com a obra. Os questionamentos tendem a trilhar o caminho para levar o leitor à reflexão:

Você sabia que é
Preciso economizar
Água doce de beber
Porque senão vai faltar?
E que é muito provável
Que água doce e potável
Em breve possa acabar?
(MONTEIRO, 2011, p. 1)

Importantes argumentos constam na quarta e quinta estrofes do poema. No conjunto das ideias, os versos apresentam motivos pelos quais a água deve ser preservada: primeiro sem água ninguém sobrevive, e, segundo, por se tratar de um recurso não renovável. Com base nesses dois argumentos no sétimo verso da quarta septilha, chama a atenção que o descaso com a água é um atentado a si mesmo.

Nosso PLANETA ÁGUA/TERRA
 Só tem a água que tem,
 Sem água, todos sabemos,
 Não sobrevive ninguém,
 Quem sabe disso propala
 Que devemos preservá-la
 Para o nosso próprio bem.

Água nunca foi nem é
 Um recurso renovável
 Por isso não desperdice
 Nossa doce água potável;
 O H₂O bem composto
 Não tem gosto, mas seu gosto
 Tem sabor inimitável.
 (MONTEIRO, 2011, p.2)

Na estrofe abaixo, o termo “prejudica o semelhante” mostra que o autor vê o problema numa dimensão coletiva e por isso chama a atenção para o fato irracional (Zé Mané), de que enquanto alguém esbanja água, outra pessoa sofre grandes restrições, indo além das necessidades dos serviços domésticos, como não ter a água nem para suprir a sede, então, dependendo da ação feita por “você” vai ser prejudicada a sociedade em geral:

Da água que tem na terra
 A quantidade é constante
 O que você desperdiça
 Prejudica o semelhante,
 Onde tira e não se bota
 Só um Zé Mané não nota
 Que vai faltar adiante.
 (MONTEIRO, 2011, p. 3)

Observa-se uma preocupação generalizada por incluir tanto o ambiente modificado pela ação do homem quanto os locais mais afastados das grandes cidades. Ao mencionar, na 11ª estrofe, o substantivo “barreiro” (buraco construído artesanalmente em que se retira o barro para reserva de água), essa palavra imediatamente lembra a zona rural que enfrenta constantemente o desafio de viver

com pouquíssima quantidade de água. Essa situação se estende até os centros urbanos, no qual moradores acostumados a longos banhos são alvo da crise que depende da união de todos para ser amenizada:

Tem gente que se demora
Meia hora no banheiro,
Dois banhos são uma hora,
Somam trinta um mês inteiro
Essa demora é nefasta
A água que um desse gasta
Dá pra encher um barreiro.
(MONTEIRO, 2011, p. 4)

Da décima até a vigésima terceira estrofes são prescritas dicas bem fáceis para economizar água e conseqüentemente fazer diminuir o gasto financeiro com a conta mensal, mas sem deixar de ter as necessidades básicas atendidas. Ou seja, o objetivo é educar através da revalorização dos recursos ambientais sendo imprescindível racionalizar o máximo possível. Na décima estrofe, o cuidado com o ambiente abrange a compreensão do ser humano também como parte da natureza e cultura, entre natureza e seres humanos:

Vão aqui algumas dicas
Pra fazer economia:
- Banho quente é repousante
Mas não passe nele um dia
Senão a conta na frente
Fará desse banho quente
Você entrar numa fria.
(MONTEIRO, 2011, p. 4)

Ainda exemplificando esse conjunto, nas estrofes 16, 18 e 19, tem-se a ocorrência de sugestões para um melhor equilíbrio entre homem e meio ambiente, então, a percepção de que a sociedade e o ambiente fazem parte da mesma situação que precisa de equilíbrio formando um grande ecossistema:

Para lavar automóvel
Use uma lata ou bacia
Pegue a água e vá jogando
Passe a flanela macia,
Com esse procedimento
Não gasta cinco por cento
Da água que gastaria.
(MONTEIRO, 2011, p. 6)

Lavar frutas e legumes

É correto e indicado
 Mas com a torneira aberta
 É um consumo danado;
 Com água e vinagre num
 Balde ou vasilha comum
 Dá muito mais resultado.
 (MONTEIRO, 2011, p. 7)

Abrir a torneira toda
 Para lavar copo ou prato
 Usando muito sabão
 É um desperdício ingrato
 Que só faz pessoa tonta
 Porque só piora a conta
 E deixa caro o “barato”.
 (MONTEIRO, 2011, p. 8)

A água é um patrimônio coletivo, por isso se faz necessária a promoção da justiça social e ambiental, o que passa pela ressignificação do uso consciente desse recurso natural, portanto, todos de acordo com esse censo comum precisam internalizar o sentimento de cuidar no presente o que ainda temos para salvar, assim, no futuro, os danos podem ser menos agressivos à vida do ser humano e do meio em que vive. Diante disso, a estrofe a seguir destaca a problematização em grande escala chamando a atenção para o valor econômico e social da cultura do povo com relação às riquezas naturais:

28- Mesmo que o consumidor
 Tenha grama de sobrar
 Para mostrar que é bacana
 Não deve desperdiçar,
 Vindo o racionamento
 Ninguém vai ficar inseto
 Todo mundo vai “dançar”.
 (MONTEIRO, 2011, p. 10)

Outro aspecto interessante é a educação ambiental respaldada nos conceitos da revisão da consciência ecológica tradicional pautada na defesa de animais em extinção e florestas, incluindo a situação preocupante referente à água. De acordo com os versos, o consumo moderado significa pensar no futuro da humanidade, por isso se atenta em destacar o aproveitamento da água de forma positiva:

36- De que tem rios morrendo
 Todo mundo está ciente
 E quando um rio “falece”
 Mata planta, bicho e gente,
 Acaba a vida que tem

E a culpa toda é de quem
Degrada o meio ambiente.

38- Quem recicla ganha em dobro,
Melhor se reutiliza,
Se Reaproveita então
Pelo que economiza
O planeta saberá
Que no futuro terá
A água de que precisa.
(MONTEIRO, 2011, p.13)

Observa-se que Manoel Monteiro provoca no leitor um sentimento de aproximação com a realidade, essa forma de escrita busca convencer, persuadir o público a ser condizente com as novas atitudes que a sociedade precisa desenvolver para ter êxito pessoal, pois será visto como um ilustre herói, um protagonista do “show da vida”:

Você não desperdiçando
O ganho vai ser geral
Além da mais fará jus
À convite especial
Pra desfilhar na avenida
Encenando o Show da vida
E no papel principal
(MONTEIRO, 2011, p. 16)

Os versos deixam o entendimento de que a relação dessa literatura com a natureza se manifesta de modo a primar pelos valores ecocêntricos, digo, contrários à visão consumista da sociedade contemporânea. Logo, os sentidos articulados veiculam a ideia de que o ser humano necessita se reeducar para preservar o meio ambiente e conseguir ter melhor qualidade de vida para si e próximas gerações.

Afinal, o poema revela vários mundos desconhecidos que passam a ser apresentados ao leitor no decorrer da leitura. Por isso, pensando na essencialidade da função humanizadora da literatura, sentimos a necessidade de realizar a leitura conscientizadora do Cordel *O planeta água está pedindo socorro* com os alunos.

4 O UNIVERSO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DOS DADOS À ANÁLISE

4.1 Tipo de pesquisa

Este estudo tem por base a metodologia da Pesquisa-ação com a participação dos envolvidos: professor/pesquisador e alunos/colaboradores. Referente ao modo de realização da investigação científica, Severino (2007, p.120) traz a seguinte definição para a pesquisa-ação:

A pesquisa ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Portanto, a pesquisa-ação trata-se do processo de investigação que sofre modificações constantes no ciclo de espirais de reflexão e ação, no qual o diagnóstico serve para mostrar como está o problema que queremos minimizar ou resolver, outros quatro passos também devem ser seguidos, pois depois de observar a situação da problemática partimos para a elaboração da proposta de intervenção, esse conjunto de ações serão desenvolvidas e avaliadas. Executado essa fase precisamos ampliar a compreensão da nova situação, e por fim proceder aos mesmos passos para a nova situação prática.

A partir desse procedimento, o pesquisador e os colaboradores, ou seja, os alunos participam interativamente durante o desenvolvimento das atividades, deste modo todos os envolvidos adquirem conhecimentos. Para um bom desempenho da proposta é crucial o engajamento dos participantes, pois na pesquisa-ação até o pesquisador é participante, as suas ações darão o impulso inicial para que os demais executem a proposta, porém serão incluídos em uma coletividade que proporcionará resultados, os quais serão mérito do conjunto de ações realizadas. A respeito desta tipologia de pesquisa, Leite (2008, p.69-70) enfatiza que:

[...] como bem coloca Thiollent, quando cita que a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa participante, mas nem todas as pesquisas participantes são pesquisas-ação. De acordo com ele, apesar de a pesquisa participante ter se preocupado bastante com o papel do pesquisador dentro da situação

investigada, seus partidários “ não concentram suas preocupações em torno da relação que é especificamente destacada em várias concepções de pesquisa ação. A pesquisa-ação não é apenas pesquisa participante, é um tipo de pesquisa centrada na questão do agir”.

Assim, no contexto dessa metodologia de investigação, é importante destacar as possíveis contribuições que este trabalho pode trazer, inclusive facilitando as relações e interações do cotidiano que compõem o universo pesquisado e ao mesmo tempo levar o pesquisador a refletir sobre o caminho que está sendo trilhado na aplicação da proposta.

Em função disso, a análise dos dados coletados prioriza a natureza qualitativa dos resultados. Essa escolha em relação à classificação da pesquisa permitiu, a partir do diagnóstico do problema na sala de aula, elaborar uma intervenção coerente para o público, uma vez que se manteve o contato e se conhece a realidade desses alunos, principalmente referente ao cotidiano no ambiente escolar. Além disso, possibilitou à reflexão da própria prática docente, no sentido de sempre tentar levar o melhor aos alunos, através de uma ação pedagógica planejada, para que esses conseguissem desenvolver habilidades de leitura e consciência enquanto cidadão. Para preservação da identidade dos discentes os dados coletados foram expostos com a identificação das letras A maiúsculo e um número (exemplo A1, A2, A,3), de forma garantir o anonimato.

Para essa pesquisa de caráter qualitativo, focamos em uma metodologia de incentivo da leitura utilizando a Literatura de Cordel pelo viés da ecocrítica. Desta forma, os pesquisados vivenciaram no texto literário a relação da literatura com a natureza, bem como a forma do comportamento que o homem atua diante das questões ambientais e reciprocamente a representação do ambiente natural, inclusive os animais, que também fazem parte do universo ecológico.

4.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, do município de Cacimba de Dentro – PB. Esta escola oferece a modalidade do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, comportando 10 salas de aulas, com um total de 250 alunos no turno matutino, sendo este o seu único horário de funcionamento.

A referida escola não dispõe de uma biblioteca adequada para atividades de leitura. O espaço serve para guardar livros do aluno, ou seja, os livros usados pelos alunos nas atividades escolares em sala. Quanto aos livros de literatura existentes, na realidade é um acervo muito precário e insuficiente para ser utilizados em sala de aula. Além disso, não tem folhetos de cordel na biblioteca. Tal realidade dificulta bastante o trabalho com a Literatura e assim também com a Literatura de Cordel. Em função dessa realidade, de modo atender à intervenção proposta, providenciamos os textos para os alunos.

4.3 Colaboradores da pesquisa

A proposta de intervenção foi realizada com os alunos da turma do 8º ano, no turno matutino, ano letivo 2019. Essa turma é composta por 24 alunos, sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, na faixa etária dos 12 a 17 anos; do total, são cinco alunos repetentes. Todos residem na zona urbana.

Como podemos observar existem alunos em situação de distorção de idade série. Quase todos fazem parte do programa Bolsa Escola, mesmo assim notamos que são raros os casos que os pais acompanham o desempenho escolar dos filhos. Além disso, temos fortes problemas sociais que interferem negativamente na atuação dos alunos em sala de aula, a exemplo da indisciplina.

4.4 Proposta de Intervenção: etapas e análise dos dados

O primeiro passo para a aplicação da proposta de intervenção se deu através de um questionário inicial, atividade de natureza diagnóstica para coleta de dados sobre o contato dos alunos com a leitura, suas impressões e conhecimentos a respeito da literatura de cordel. Depois de analisar as respostas dos discentes, aplicamos a proposta de intervenção, “Desperta cordel: poesia e realidade”, a qual foi desenvolvida sob a metodologia da sequência básica de Cosson (2014), apresentando a seguinte estrutura: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Os dois textos corpus de leitura tratam dos danos causados pela ação do homem e a falta de consciência de seus atos em relação ao meio ambiente: *Os animais têm razão*, do poeta Antônio Francisco Teixeira de Melo, e o folheto *O*

planeta água está pedindo socorro, do poeta Manoel Monteiro. A metodologia de estudo teve por fundamentação teórica os preceitos da ecocrítica, voltados para a relação da literatura com questões do meio ambiente, no sentido da preservação de boas práticas.

Para a intervenção em sala, propomos uma sequência básica, abordando ambos os cordéis. Esta foi composta por 25 aulas divididas pelo conjunto das atividades de leitura, distribuído em 08 encontros de acordo com o tempo necessário para a execução das atividades. A quantidade expressiva de aulas usadas nesta proposta se justifica devido ao fato da teatralização do poema, além da leitura ao ar livre. Foram realizadas três oficinas incorporadas na sequência básica. Na primeira, o foco esteve em levar os alunos a reutilizar materiais recicláveis, nesse caso a garrafa pet, de modo a possibilitar a experiência na prática. Na segunda, tivemos uma oficina mais dinâmica, na qual foi usado o jogo de damas, personalizado para ser um instrumento lúdico na elaboração coletiva de um texto em cordel. Na terceira oficina, o foco esteve sobre a xilogravura, característica típica do cordel. Os alunos criaram xilogravuras com materiais adaptados, já que a maneira original do fazer seria um trabalho mais complexo que exigiria um grau maior de habilidade dos alunos com a ferramenta utilizada.

As atividades de leitura em sala de aula foram executas em momentos individuais e em grupo. Os alunos foram orientados a vivenciar a leitura dos cordéis teatralizando o cordel original, estimulados ao desafio de criar um novo texto de cordel. Em função disso, propomos aulas de campo, de forma a harmonizar os alunos ao contato com a natureza em exercício de leitura.

Como produto dessa experiência leitora, construímos o Kit “A ecocrítica nas rimas do cordel”, composto pelos exemplares dos cordéis trabalhados e os jogos de damas. Este material foi pensado para compor um acervo na escola uma vez que na biblioteca da escola não têm exemplares de cordéis e isso de certa forma dificulta o trabalho com esse gênero literário. A convite nosso, tivemos a visita do cordelista Antônio Francisco na escola no momento da intervenção com os alunos. Experiência esta bastante significativa no sentido da relação leitor, autor e obra.

Uma vez descritas as etapas da intervenção, passemos a descrição mais detalhada da execução dos procedimentos metodológicos voltados para a leitura

dos textos literários, seguidas da análise dos dados, possibilitando observar a relevância do projeto de acordo com os objetivos da pesquisa.

4.5 Desperta cordel: poesia e realidade

A leitura é um dos grandes desafios que encontramos em sala de aula, por isso buscamos no cordel atrair os alunos para efetuar leituras mais envolventes. Mas antes de colocar em prática a sequência básica e as oficinas propostas para o estudo do texto literário, a aplicação de um questionário diagnóstico na turma possibilitou verificar, naquele momento, as impressões e conhecimentos dos alunos a respeito da literatura de cordel, como também diagnosticar melhor a situação dos alunos do 8º ano com relação à leitura. Para isso, aplicamos o questionário (1 aula) com questões abertas e fechadas (Apêndice A, p. 121) para, a partir dos resultados, iniciarmos a aplicação da proposta de intervenção planejada. Deste questionário, seguem neste texto apenas alguns dados os quais foram relevantes na definição das estratégias a serem aplicadas com a intervenção em sala.

No primeiro encontro, todos os 24 alunos colaboradores da pesquisa responderam às perguntas, as quais possibilitaram confirmar o pouco hábito de leitura da maioria, assim como a relação individual destes com a leitura literária. Vejamos uma amostra dos dados na tabela 01 sobre leitura:

Perguntas	Respostas	Quantidade
Você gosta de ler?	Um pouco.	18
	Sim, mas tenho dificuldade para ler.	02
	Sim, eu adoro ler.	02
	Não gosto de ler.	02
Com que frequência você lê?	Somente quando o professor pede.	17
	Sempre, leio na escola e em casa.	05
	Nunca, nem quando o professor pede.	02
Sua família o incentiva a ler?	Sim.	04
	Às vezes.	11
	Não.	09

TABELA 01: Questionário aplicado

De acordo com os registros em relação à afinidade dos alunos com a leitura, na tabela 01, os números demonstram que a maioria gosta de ler pouco, por isso não são leitores assíduos, o que confirmam ser de suma importância a necessidade de um trabalho de incentivo à leitura para cultivar nestes o gosto e o prazer ao ler. A

respeito da frequência da prática de leitura, mais da metade da turma lê apenas quando o professor incorpora tal atividade na sala de aula, daí a relevância desse trabalho cada vez mais dinamizar no sentido de, aos poucos, construir leitores ativos que leem tanto na escola como também em casa.

Nesse processo, destacamos o papel de referência daquele que tem por função desenvolver a formação leitora, o professor. É importante que este, na condição de mediador, tenha o comportamento de quem gosta de ler, seja um leitor ativo, para assim tornar-se referência ao leitor em processo de formação.

Conforme as respostas do questionário, é perceptível que no ambiente familiar dos alunos há certa distância em relação a cultura do letramento literário. Entretanto, a participação da família nessa formação é muito positiva, posto que segundo Zoara:

O gosto pela leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por mães e pais. A família tem um papel fundamental no despertar do interesse pela leitura, seja pelo exemplo, ao ler na frente dos filhos, ou ao promover leitura para os filhos. (ZOARA, 2016, p.35).

Assim como em muitas outras realidades, a situação familiar exposta pelo grupo de alunos colaboradores desta pesquisa é precária no que se refere a promover a leitura no ambiente familiar. Do ponto de vista literário, então, a escola torna-se o único lugar que esses estudantes terão o acesso à leitura e estudo do gênero de uma forma mais efetiva.

Ao solicitar que os alunos citassem ao menos um livro lido, os títulos listados são do acervo pessoal da professora/pesquisadora emprestados desde o início do ano letivo para ser lidos em casa. Quanto aos gêneros temáticos, surgiram, por exemplo, mitologia, terror, histórias sobre princesas, o mundo cheio de criatividade da boneca Emília, livros de aventuras, contos com temática indígena, literatura de consumo e de cunho religioso. A prática de emprestar livros do acervo pessoal acabou sendo algo realizado todos os anos, porque a biblioteca não dispõe de livros suficientes, principalmente literários. Outro ponto determinante é o fato dos livros didáticos serem guardados no espaço da sala da biblioteca, isso ocasiona interrupções, inviabilizando o uso desse ambiente que deveria ser designada ao incentivo à leitura.

É fato que não podemos prescindir de uma biblioteca em uma escola, uma vez que este é um ambiente extremamente necessário para que os alunos tenham o contato com o universo diversificado dos livros. Mediante a importância da variedade de leituras, Zoara destaca o que a biblioteca precisa nos proporcionar:

De acesso à possibilidade de diferentes leituras e de poder. Porque ter acesso ao conhecimento é à ficção, e poder ler em diferentes camadas da subjetividade, nos dá acesso a informações de mobilidade dentro de um contexto organizado para enquadrar e imobilizar o cidadão. (ZOARA, 2016, p.76).

O letramento literário na escola pode ser feito de maneira interdisciplinar, diante da necessidade que os nossos alunos apresentam nas demais áreas de conhecimento. Assim, inscrevem-se a importância em aplicar atividades que podem ser desenvolvidas com a colaboração de professores de outras disciplinas, dessa maneira o estudante poderá vivenciar com maior dimensão a pluralidade da leitura literatura.

A respeito da relevância do ensino de literatura, cabe ao professor ficar atento para fomentar a expectativa dos leitores, assim como preencher possíveis lacunas que a natureza do texto por si já pauta em função da relação com outras áreas do conhecimento, compreendendo que “a expectativa do aluno é que o ensino de literatura se torne significativo para ele, ou seja, possibilite o estabelecimento de nexos com a realidade em que ele vive, bem como de relação com outras artes, linguagens e áreas do conhecimento” (CEREJA. 2005, p.53).

O questionário aplicado inicialmente foi bastante providencial para observarmos que a maioria da turma gostaria da incorporação da literatura nos eventos escolares. A ideia de realizarmos a teatralização do texto veio arraigada à possibilidade de criar mais dinamismo nas atividades de leitura, tornando assim algo real e possível de vivenciar com os participantes dessa pesquisa. Consideremos na tabela 02 a opinião dos alunos:

Pergunta	Respostas
Você sente falta de eventos envolvendo a literatura na escola como poesia, teatro, contação de histórias, músicas?	<p><i>Sim. Acho legal.</i></p> <p><i>Sim. É bom a gente parar de escrever um pouco k k k.</i></p> <p><i>Sim. Pois envolve dinâmica”.</i></p> <p><i>Sim, porque isso ajuda pois melhora nossa leitura.</i></p> <p><i>Não. Porque mi sinto um pouco de vergonha.</i></p> <p><i>Sim, é bem legal.</i></p> <p><i>Não. Porque eu não gosto.</i></p> <p><i>Sim. Sempre é bom ter coisas diferentes.</i></p> <p><i>Sim. Por que trazem muitas coisas para ler, poesias, fazer peças de teatro.</i></p> <p><i>Não, porque eu não participo.</i></p> <p><i>Sim. Seria bacana e se fosse em eventos escolares.</i></p>

TABELA 02: Questionário aplicado

O livro didático é o principal recurso oferecido aos alunos. No caso desta pesquisa, ele foi fundamental devido conter uma unidade direcionada para o cordel, apresentando conteúdo informações e atividades ligadas a um dos cordelistas que vamos trabalhar em sala de aula com os alunos (ANEXO C, p. 100). Em função disso, uma das perguntas do questionário busca saber sobre a receptividade do livro didático pelos discentes, conforme demonstra a tabela 03:

Perguntas	Respostas	Quantidade
Você gosta de ler os textos do livro didático?	<p>Não gosto.</p> <p>Às vezes.</p> <p>Sim.</p>	<p>04</p> <p>18</p> <p>02</p>
Você costuma ler em casa no livro didático, os textos ou só os cordéis?	<p>Às vezes.</p> <p>Não gosto.</p>	<p>21</p> <p>03</p>

TABELA 03: Questionário aplicado

Observando que mesmo sendo o único material presente no dia a dia, o livro didático ainda precisa ser bem aproveitado pelo aluno no sentido deste enxergá-lo como um recurso importante em sua formação leitora. Além de ser um instrumento da sala de aula ainda podem levar para suas moradias, possibilitando leituras em horários que ele pode escolher.

4.6 Viajando nos acordes do cordel: o respeito à natureza

No segundo encontro, teve início a aplicação da sequência básica. Esse encontro aconteceu em dia de sábado devido um planejamento de reposição de aulas, em função de uma reforma que atrasou o início do ano letivo. A ideia de fazer

uma aula dinâmica e interdisciplinar possibilitou a participação da professora de geografia.

Conforme as etapas da sequência básica, realizamos a motivação (2 aulas) com o objetivo de despertar a socialização afetuosa entre os alunos e os animais, dentre as atividades, solicitamos fotos dos seus animais de estimação. Também propusemos trazer brinquedos que possam representar os personagens do cordel (porco, cachorro, cobra, burro, rato, morcego e vaca). A aproximação das fotos e objetos semelhantes aos personagens em questão ajudou a entrar no tema, mais tarde discutido e vivenciado no texto literário. Também realizamos o levantamento de questões com o intuito de debate e sugestões de alternativas para os problemas que afligem o Porão (cacimba que deu origem ao nome da nossa cidade “Cacimba de Dentro”, na Paraíba.), a exemplo da poluição e da degradação desse espaço. No decorrer do debate, dois alunos começaram a falar sobre Chernobyl (local de um acidente nuclear catastrófico ocorrido no reator nuclear nº 4 da Usina Nuclear de Chernobil, esse acontecimento inviabilizou a habitação de seres humanos), isso chamou a atenção dos demais e a discussão sobre a sobrevivência da natureza e do homem passou a ser algo mais interessante para a turma.

Após isso foi feito a exposição de um vídeo sobre a cidade de Chernobyl gerando um diálogo a respeito da relação homem e natureza. Quem precisa de quem para sobreviver? Será que a natureza necessita do homem para sua existência? Concluímos esse momento com o vídeo “ Não custa nada ser bom”⁵ de autoria de seu Antônio Francisco.

Ambos os cordéis foram apresentados à turma do ponto de vista temático. Primeiro, *Os animais têm razão* (2016), no qual o aspecto fabuloso é construído por meio da personificação de sete animais que raciocinam e dialogam em tom de desprezo em relação aos seres humanos que destroem aos poucos a vida dos animais, tornando a sobrevivência das espécies cada vez mais complicada. Na sequência, apresentamos o cordel *O planeta água está pedindo socorro* (2011), cujo conteúdo remete aos efeitos da escassez de água para a existência de uma comunidade sustentável. Ambos alertam para a necessidade de que as pessoas precisam cuidar das relações com os outros, isso inclui preservar o patrimônio

⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=18J9P0YdRTc>.

social; sua garantia para as futuras e atuais gerações é um ato de cidadania e direito de todos.

Nesse propósito as atividades desenvolvemos baseadas no cordel *O planeta terra está pedido socorro* tem o foco para a necessidade de preservar a água, com o objetivo de formar o leitor literário e trabalhar a educação ecológica.

As ações da motivação estiveram orientadas para incentivar no leitor a curiosidade pela leitura do texto. Assim, foi feita uma breve conversa sobre a adolescência e a velhice. Refletindo a respeito da situação que vamos deixar para as próximas gerações, pois a água está ficando cada vez mais escassa. A partir desse debate, foi criado um projeto com as sugestões dos alunos anotadas no diário de bordo para tentar recuperar o local, (Porão) o projeto foi entregue a supervisora escolar que ficou a cargo de levar até o gestor municipal.

Visando uma maior reflexão da problemática do planeta degradado pela ação do homem, realizamos uma oficina de reutilização de garrafas pet, para assim incentivar a tomada de atitudes conscientemente ecológicas e simultaneamente direcionada a uma situação real vivenciada pelos alunos.

A oficina teve o título (3 aulas), “Reutilizando e capturando o mosquito da Dengue”, a qual foi desenvolvida em parceria com a professora da turma que lecionava a disciplina de Ciências. Em função da temática da água retratada nos cordéis, abordamos na oficina a questão da Dengue, que depende da água para sua existência, enquanto isso nós humanos precisamos nos prevenir contra esse mosquito. O tema acabou sendo bastante atual, pois estava ocorrendo um surto dessa doença em nossa cidade, inclusive vários alunos estavam faltando aula porque estavam enfermos.

Dois vídeos foram exibidos para os alunos: um sobre os sintomas e cuidados com a Dengue e outro sobre o ciclo reprodutivo desse mosquito. Este último com informações muito relevantes para que os alunos compreendessem o funcionamento da reprodução do mosquito, para fins de ações que pudessem interromper o ciclo reprodutivo deste. Na ocasião, foi possível a construção de um repelente caseiro, feito pela professora de Ciências na presença dos alunos. Durante a discussão, foi lembrada a notícia da morte de uma garota da cidade vizinha por suspeita de Dengue. No momento do lanche, uma salada de frutas (com frutos trazidos pelos

alunos) foi servida para demonstrar mais uma vez a importância da natureza para nossa vida.

Após a pausa do lanche, os alunos foram levados a confeccionar uma armadilha para capturar o mosquito da Dengue, podendo levar para suas casas e utilizarem. Na construção das armadilhas, foram reutilizadas 24 garrafas pets, que tiveram uma nova utilidade invés de irem para o lixo poluindo o ambiente. Prática que possibilitou uma visão ecológica de ação do homem para com o meio ambiente conforme proposição canta em versos pelo texto de cordel a ser objeto de leitura.

Toda a turma participou da oficina de maneira ativa, assim contribuindo para a percepção da necessidade de agir para amenizar os possíveis focos do mosquito da Dengue ao instalar as armadilhas em seus quintais, sem prejudicar a natureza. Ao verificar que um problema real presente em sua comunidade pode ser motivo temático de um texto literário, seja de forma direta ou por analogia, o leitor está mobilizando competências de leituras intertextuais aproximando a realidade externa (social) à interna de um texto (conteúdo linguístico), processo de aprendizagem de conhecimentos vários propostos no ambiente escolar em uma perspectiva de letramento.

Na etapa da Introdução (2 aulas), deu-se a apresentação das biografias dos autores das obras, contudo não ficamos presos apenas à exposição oral sobre a vida destes. A estratégia foi atrair a atenção para principais características e informações sobre os cordelistas. A ideia era organizar objetos para caracterizar um aluno no momento da aula. Para poeta Antônio Francisco, essa caracterização aconteceu na praça no interior da escola. O aluno foi caracterizado do poeta levando os cordéis em sua bolsa para ser lidos pelos outros leitores, inclusive o cordel de Manoel Monteiro, que também foi representado simbolicamente através da escolha do ambiente, pois escolhemos o cenário escolar para fazer menção a contribuição e desejo de Manoel Monteiro em ampliar o uso do cordel no ambiente escolar.

O uso de uma bicicleta para encenar o meio de transportar os cordéis, nesse caso é significativa pelo motivo do cordelista Antônio Francisco ser conhecido como “o poeta da bicicleta”, devido fazer uso desta para sua locomoção nas vendas de seus cordéis pela cidade que mora e vizinhança. Acabou produzindo de certa forma um especial encantamento dos leitores pela sua dedicação à poesia.

Na apresentação do poeta Manoel Monteiro foi destacado a sua contribuição para a cultura popular, principalmente com a publicação do “novo cordel”, os quais muitos podem está presentes como objeto de leitura nas salas de aula do Ensino Fundamental com finalidades pedagógicas do letramento e gosto pela leitura.

Quanto às rimas do cordel de Antônio Francisco, a linguagem poética possibilita que a reflexão vá além de uma simples moral do texto. Fica perceptível para o leitor uma espécie de duelo entre as falas dos personagens, situação em que o homem é irracional em suas ações, enquanto os animais revelam que o uso do seu instinto animal é para sobreviver de acordo com a lei da natureza. De forma oposta, o homem despreza o fato do equilíbrio ecológico está associado à justiça social, na condição de valorização da dignidade de todos os seres humanos. Diante da observação da lei da natureza, ou seja, em nome da sobrevivência, os alunos têm a possibilidade de refletir sobre as práticas humanas.

O passo seguinte nessa introdução, sobre o autor e sua obra, se deu sobre os aspectos da estética do cordel e a biografia do poeta Manoel Monteiro destacando a sua contribuição para a cultura popular, principalmente com a publicação do “novo cordel”, textos dos quais muitos podem fazer parte da rotina de leitura nas salas de aula com finalidades pedagógicas para atrair nossos leitores ao hábito da leitura.

Ainda na etapa da introdução, as capas de ambos os cordéis foram apresentadas aos alunos para uma leitura e a análise das imagens, as quais podiam revelar dados sobre o texto, podendo surpreendê-lo ou simplesmente confirmar a leitura da linguagem não verbal. Esse clima de suspense instigou o aluno a desejar descobrir o que as rimas desses cordelistas têm para revelar.

Diante da exposição das capas realizamos uma oficina de xilogravura, pois uma das características do cordel é estampar nas capas esse tipo de arte. Para a oficina (2 aulas) de xilogravuras utilizamos data show, bandejas de isopor, tinta preta, pincel, caneta e papel. Em função dessa atividade, os alunos assistiram a um vídeo explicando como é criada a xilogravura e quais materiais são usados na confecção artesanal dessa arte.

Vale ressaltar que o processo de construir as xilogravuras na sala de aula se deu como uma adaptação, usando o isopor em vez da madeira, a ferramenta de talhar a madeira foi substituída pela caneta. Tomamos essas precauções para evitar acidentes, principalmente com a ferramenta para talhar a madeira.

As xilogravuras foram inspiradas na temática da natureza trabalhada na proposta de intervenção, para facilitar a transferência do desenho para a bandeja de isopor imprimimos as imagens em um estilo que destacava melhor as linhas principais da cena. Observe as imagens a seguir:

Fotos estilizadas



Xilogravuras feitas pelos alunos



Nessa atividade os adolescentes desenvolveram habilidades da arte da xilogravura, e compreenderam como funcionava a técnica de gravar e transferir o desenho do isopor para a folha. Esse tipo de exercício deixou a aula mais interessante, foi notável o entusiasmo deles no decorrer da atividade, assim a turma se envolveu e aprendeu sobre uma das principais características da literatura de cordel.

Na etapa seguinte, da Leitura (4 aulas), consideramos a ideia de que a diversidade biológica garante o equilíbrio do meio ambiente e a manutenção da vida. Assim, buscamos manter os alunos mais próximos da natureza, das energias saudáveis que as árvores e o ar trazem em nossa vida. Portanto, planejamos fazer a

leitura ao ar livre em contato com os elementos externos, longe das paredes da sala de aula e em um ambiente mais natural - o Porão - local próximo aparentemente do cenário descrito no cordel.

No primeiro momento de leitura, os alunos vivenciaram o enredo da obra ouvindo o cordel *Os animais têm razão*, declamado pelo seu autor através de áudio. Após essa leitura declamada pelo poeta, os alunos foram orientados a se caracterizarem dos personagens, assumindo cada qual um diálogo, de modo que cada um experimentasse a leitura oral tendo que declamar os versos por meio da leitura em voz alta das estrofes no cordel impresso. Esse exercício possibilitou cada aluno experimentar o manuseio com a linguagem estética da poesia. Tal estratégia de leitura demonstrou que alguns tinham dificuldade para seguir o ritmo, as entonações e pontuações, o que exigiu momentos de releitura. Ouvir o próprio autor do poema declamar ajudou aos ouvintes/leitores adquirir maior habilidade com o texto. Nessa fase da proposta já ficou acordado com eles ensaios para que posteriormente eles apresentassem para o autor o seu cordel dramatizado, os ensaios eram feitos em sala de aula e contava com a participação de toda a turma, uns no elenco principal e outros na parte da sonoplastia (sons de palmas, assobios, gritos e falas coletivas).

Quando da leitura do texto de cordel *O planeta água está pedindo socorro*, foi o momento de usar mais alternativas para ativar no leitor a familiarização com a leitura desse gênero poético realizando das formas silenciosa e oral. De início, priorizaremos a leitura silenciosa, para fins de este observar a estrutura da linguagem e a organização sonora que compõe o texto. Essa primeira leitura torna-se prescindível à realização da leitura oral, uma vez que se revela necessária uma preparação antes de oralizar o texto poético, pois a entonação e musicalidade das rimas devem ser marcadas na voz do leitor. Com o intuito de não quebrar o dinamismo da leitura entregamos aleatoriamente fichas (tampinhas de garrafas pet numeradas) designando quais estrofes o aluno teria que ler logo em seguida quando o colega terminar de declamar as estrofes anteriores as suas.

Os alunos puderam observar que o tom de voz pode chegar a mudar o sentido de uma frase, e a entonação diz muito quando falamos de texto, principalmente o cordel que tem sua raiz fixada na oralidade, nessa comunicação que enriquece a experiência dos leitores com sentimentos e atitudes derivadas da

essência da obra. As palavras podem até serem as mesmas, mas em contato com o leitor em seu estado ativo jamais permanecerá a mesma. Isso porque, no processo de leitura, cada um cria o seu momento, nele as sensações são individuais e únicas, e todas são dignas de reconhecimento, pois valorizar o ato de ler, em especial do aluno faz uma diferença enorme na autoestima deste.

Dentre as atividades realizadas, apresentamos aos alunos aspectos da linguagem da poesia, a estética do texto dos cordéis, assim também como as demais características que acompanham a produção dos folhetos. Eles conheceram o formato, o material, a origem dessa literatura, assim como a composição do texto, possibilitando melhor perceberem a linguagem exposta nos textos lidos.

Continuamos a etapa da leitura com a visita do cordelista Antônio Francisco. Os alunos estavam durante esse tempo ensaiando o cordel e apresentaram em forma de encenação teatral a criação do poeta para homenagear e agradecer ao momento único e tão esperado da sua visita em nossa escola. Nesse dia utilizamos 4 aulas planejadas e realizadas conforme o seguinte roteiro:

1º momento: Acolhida aos poetas (Antônio Francisco e Kydelmir Dantas) na praça situada no interior da escola. Nesse dia, foram convidados também o professor de inglês que trocou a língua estrangeira pelo violão encantando e cantando o hino da nossa cidade em coro com os alunos, e a professora cordelista Silvana Alcântara escreveu um cordel (ANEXO D, p.104) sobre o Porão, o qual dois alunos do 8º A realizaram a declamação. Nessa acolhida a professora Silvana trouxe a sua turma 6ºA para participar junto com os colaboradores da pesquisa.

2º momento: Seguimos para o Porão (ponto histórico que deu origem ao nome da cidade, local com árvores, mato e um reservatório de água, que atualmente está poluído), diante da situação desse reservatório de água fez presente a oportunidade de incluirmos o cordel *O planeta água está pedido socorro*, de autoria de Manoel Monteiro, observando e refletindo a respeito da grande quantidade de água que devido a ação do homem está inadequada para o consumo, assim a presença do autor fez se mediante sua obra, e nesse cenário os discentes representaram teatralizando o cordel, *Os animais têm razão*. Junto aos alunos do 8º A se locomovemos da escola até o local supracitado.

Vale salientar que a ludicidade e humor presente nesse cordel também cativam as crianças, por esse motivo uma garotinha de sete anos (minha filha)

representou um dos personagens, sua participação foi voluntária, ao presenciar a confecção da caracterização dos personagens, pediu para participar argumentando que a aula seria divertida.

3º momento: Parada na casa de farinha construída no centro da cidade para as festividades juninas. Aqui os envolvidos degustaram frutos regionais colhidos próximos ao Porão, e o poeta Antônio Francisco cantou uma poesia acompanhado pela batida do violão do professor de Inglês.

Iniciamos a interpretação com um questionário (2 aulas) para os alunos versando sobre o encontro com os poetas, nossos discentes responderam cinco 5 perguntas sobre essas aulas, as questões foram sobre os autores e suas poesias de cordéis abordadas na pesquisa. Os alunos demonstraram maior interesse pelas aulas. Em diálogo com a turma, surgiu a frase “Fizeram um paraíso”, pertencente a um dos colaboradores da pesquisa, (A2), um aluno que demonstrava desinteresse pelas aulas, porém durante a intervenção passou a ter um certo entusiasmo, o que mostra a importância de proporcionar a interação entre texto-autor-leitor nas aulas de leitura literária.

Nessa atividade fruto da interatividade leitor-texto-autor, analisemos um recorte das respostas dos alunos para as perguntas aplicadas:

Levando em consideração o contato com o texto antes e depois com a presença do autor, o que achou, o que aprendeu?

- Estudante A3: Aprendi que pessoalmente vendo ele falando e mais realista.
 Estudante A4: Achei muito legal passar uma manhã com seu Antônio Francisco, ele disse que a peça ficou boa.
 Estudante A5: Assim lendo o cordel do nosso jeito é uma coisa, mais quando o cordelista ler é de outro jeito. Eu aprendi várias coisas.
 Estudante A8: Sem a presença do autor não tem a mesma emoção, com a presença do autor tem muita emoção, porque ele coloca amor no que ele faz ou ler.
 Estudante A9: Eu aprendi poema que ele falou muito sobre poema e a gente conheceu ele.
 Estudante A10: Antes: achei interessante o que se passava pela poesia. Depois: Não mudou a opinião, mas reforçou quando ele leu.
 Estudante A11: Eu consegui entender sobre o que nós estávamos falando.
 Estudante A13: Eu gostei muito dele e aprendi também algumas coisas sobre o cordel. Por exemplo o cordel da bicicleta ele falou que criou esse cordel através de uma queda de bicicleta.
 Estudante A15: Antes, sem vê-lo eu achava que ele seria uma pessoa mais séria e vendo pessoalmente eu achei ele superdivertido é uma pessoa cheia de amor no coração.
 Estudante A16: Vi o texto do mesmo jeito, a diferença foi que vendo o poeta declamando foi mais emocionante, deu mais vida ao texto.
 Estudante A18: Antes dele vim eu via uma coisa normal. Depois que ele veio eu achei interessante ele falando.

Estudante A20: que devemos seguir nossos sonhos e nunca estaremos velhos para realiza - lós.

Estudante A22: Achei muito legal, vendo uma poesia de um autor famoso e depois conhecer ele pessoalmente. Aprendi que a poesia é algo muito legal é um tipo de texto que é legal de ser lê.

Estudante A23: Eu achei muito interessante.

Nos relatos supracitados notamos que os alunos compreenderam que existe diferença no sentido do texto quando ele é declamado por pessoas distintas, ou seja, a forma de declamar do autor tem um teor particular da sua forma de apresentar o cordel. A ausência de algumas respostas se deve a reincidência das citações.

Segundo eles, ouvir o poeta trouxe um novo encanto para a poesia gerando também mais conhecimento sobre Antônio Francisco e Manoel Monteiro, o qual o texto marca a sua perpetuação poética.

Além de o momento ter propiciado aprendizagens diversas também despertou a receptividade pelo gênero cordel em alunos que antes não esboçavam entusiasmo nem interesse pelos textos. Notemos os seguintes relatos pertinentes a essa mudança no leitor em relação ao gênero cordel.

Estudante A12: Antes: achei muito chato ler. Depois: achei muito interessante e legal.

Estudante A 19: Bom eu achei antes dele vir, eu não achava o cordel tão legal, mas agora eu consigo entender mais, e como é bom.

Estudante A9: É eu não gostava de poesia, mas agora eu gosto é interessante.

Após essa exposição da receptividade da leitura, é interessante frisar que, no processo de formação de leitores ativos, torna-se fundamental que os alunos descubram e valorizem a relação destes com o texto. Essa interação mobiliza fatores para a construção de competências de leitura, considerando que o foco da leitura e interpretação deva estar na interação autor-texto-leitor. Atentemos as repostas dos discentes:

Estudante A6: Eu achei legal e muito bom. E aprendi que nós seres humanos temos que ajudar a natureza.

Estudante A7: Antes da visita do autor estava sendo apenas ensaio onde poderia se fazer comentários sobre a peça, já no dia da apresentação a peça já estava muito boa. Aprendi que o poema tentou passar uma mensagem através dos animais a preservar o meio ambiente.

No relato do Estudante A7 é perceptível a sensação de monotonia que ele sentiu durante os ensaios, isso mostra o perfil de um leitor que vive em uma sociedade na qual a velocidade de informações e a pressa constante leva o indivíduo a querer resultados imediatos, sem muito esforço ou foco na concentração de atividades para aperfeiçoamento da aprendizagem, isso vem ser mais um desafio na construção de leitores e estudantes no ambiente escolar.

Dessa forma, a variedade de subentendidos trazidos pelo texto só será produtiva, segundo Koch e Elias (2007) quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivos dos participantes da interação, pois é pela interação entre texto-sujeito que o sentido do texto é construído.

[...] uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (Koch e Elias, 2007, p. 11)

A concretização do evento comunicativo da linguagem enquanto prática social culminou no encontro autor-leitor-texto, fazendo o elo entre todos os leitores envolvidos na leitura literária. A partir desse momento de interação, a linguagem ganha vida e sentido comunicando a mensagem proposta de uma forma mais efetiva. Vale ressaltar que para esse processo ocorrer o autor tem sua presença naturalmente representada por sua obra, ou seja, o fato de não ter a presença viva do poeta Manoel Monteiro não compromete a junção da tríade autor-leitor-texto, pelo contrário, mostra a importância e o poder perene do texto literário.

Questionamos os alunos quanto às características e a temática abordada no cordel. De acordo com as respostas, notamos o quanto o trabalho com o gênero cordel satisfaz esse público alvo da intervenção. Isso se deveu à linguagem mais próxima do cotidiano e o sentido coletivo da obra ter despertado a interação dos leitores no texto poético e reflexivo. Vejamos um recorte das seguintes respostas obtidas diante da pergunta: Como você vê a questão da estrutura e temática da poesia apresentada nos cordéis abordados nas nossas aulas?

Estudante A3: Bem diferente, como na questão de fala.

Estudante A10: Vejo como algo essencial para um cordel, gostei e achei que o tema (conteúdo) se encaixou com a forma da poesia.

Estudante A11: Eu vejo como um aprendizado para nos conhecer-mos mais sobre o cordel.

Estudante A16: Acho muito bacana a forma em que a poesia é organizada. Gostei bastante do conteúdo, pois a questão do meio ambiente é algo que precisa ser mais trabalhada nos dias de hoje.

Estudante A17: Eu achei legal e eu aprendi que a maioria das pessoas não dão valor a natureza.

Estudante A19: Eu acho que é bom porque tem rima.

Estudante A21: A parte estética eu acho bastante diferente e chama a atenção para ler. O conteúdo eu gostei pois aborda um assunto legal que é meio ambiente que devemos cuidar da natureza pois sem ela não podemos viver por que a natureza a gente usa para comer para respira, para ser limpo etc.

A literatura pode unir gerações a compartilhar experiências vividas. O contato com o texto de cordel possibilitou o contato com sentimentos e sensações variadas, mas com um ponto em comum, a presença da humanização. Função essa da literatura capaz de levar o leitor a experiência de situações de respeito ao outro, à cultura popular e à natureza. Podemos notar isso, quando os colaboradores da pesquisa respondem à questão: O que você acrescenta desse contato com o escritor?

Estudante A1: alegria e muita satisfação.

Estudante A2: Que foi uma manhã muito especial. Porque tivemos a presença de Antônio Francisco, um respeitado escritor.

Estudante A3: Gostei bastante foi uma aula bem diferente de todas as outras, na entrevista ele falou mais sobre ele.

Estudante A5: O encontro com o autor Antônio Francisco foi bom tanto no Porão onde foi feito o ensaio quanto na casa de farinha.

Estudante A6: Foi muito bom mudei o jeito de pensar sobre a poesia.

Estudante A7: Eu achei bom e o escritor era bem legal e a gente pode conhecer o escritor que ele é famoso.

Estudante A8: Gostei muito do escritor, é um cordelista realmente bom, e também seus cordéis sempre tocam em assuntos importantes.

Estudante A9: Achei que foi produtivo e para nos entendermos mais o que ele quer expressar nos cordéis que ele faz.

Estudante A14: Achei ele bastante legal e humilde.

Estudante A18: Que foi uma experiência e tanto.

Estudante A19: bom o que acrescento é principalmente conhecimentos sobre o meio ambiente tem uma frase que ele falou que achei muito legal que é “quando o homem ver que o dinheiro e o ouro não resolvem os problemas que a terra passa será tarde demais.”

Estudante A20: Foi muito legal, tive o prazer de conhecer ele de perto também conheci o trabalho dele, a gente tomou café junto, gostei das poesias que ele fez.

Estudante A21: Foi um homem que gosta da natureza, pois fez um cordel sobre, e também que ele gosta de animais, uma pessoa de bom coração com empatia com os animais e pessoas, o que eu aprendi foi que devemos cuidar do planeta terra, pois é nosso e se o ser humano não mudar ele vai “dançar”.

Todos os alunos responderam às perguntas, mas não são citadas, porque são repostas similares. Notamos nas expressões o caráter positivo através de termos como por exemplo: alegria, satisfação, legal, especial e produtivo, os colaboradores (Estudante A19 e Estudante A21) também expõem o conhecimento interpretativo em relação aos cordéis acrescentando reflexões a respeito do comportamento do homem com o meio ambiente.

Uma ação pedagógica na perspectiva do letramento literário através da poesia nas séries finais do Ensino Fundamental (8º ano) requer mais planejamento uma vez que se torna mais complexo explorar o lado lúdico do poema com os adolescentes que o público infantil, em que conseguimos fazer com mais facilidade, isso porque estes já têm contato com uma diversidade de outras formas que envolve o lúdico. De modo que, para cultivar o encantamento pela linguagem, implica escolher uma obra que se adeque a essa faixa etária. No caso do texto escolhido o cordel, tanto um quanto o outro atenderam às expectativas da pesquisa, pois os jovens leitores recebiam sempre com entusiasmo cada atividade de leitura proposta.

Observamos que alguns alunos diziam não gostar de poesia antes da proposta de intervenção ser aplicada e, partir das aulas de leitura literária com o cordel, estes passaram a demonstrar interesse pela poesia. A presença do poeta Antônio Francisco, de fato, acabou contribuindo para deixar os alunos ainda mais encantados pela leitura do texto. Quando questionados, responderam de uma forma bastante positiva:

Pergunta: A sua visão a respeito da poesia mudou? Justifique.

Estudante A1: Sim, porque pessoalmente você se sente dentro do poema.

Estudante A5: Mudou algumas coisas pois lê um poema e ver ele recitar é diferente ...

Estudante A6: Sim bastante, eu achava muito chato sem graça, mais agora eu vejo com outros olhos a poesia.

Estudante A7: Sim porque eu não gostava de poesia.

Estudante A8: Não, pois sempre gostei desses tipos de poesias, da forma de narra - las.

Estudante A10: Sim um pouco porque antes achava muito intediante.

Estudante A11: Sim. A poesia e uma coisa que so alguns tem o dom eu comecei a gostar da poesia porque é muito legal.

Estudante A13: Mudou, pois tudo que vivemos é uma poesia.

Estudante A14: Sim, a poesia é uma coisa divertida, tanto para nós que lemos quanto a ele que faz.

Estudante A17: Sim. Antes eu achava chato.

Estudante A18: Mudou um pouco consigo compreender mais agora.

Estudante A 20: Sim, pois eu pensava que cordel não tinha nada a ver com poesia para quando falou os seus cordéis eu cheguei a uma conclusão que cordel e poesia “andam juntos. “É uma arte que devemos respeitar.

Estudante A21: A poesia é algo que muda aquela pessoa que lê porque a poesia poucos sabem escrever e poucos sabem citar a minha visão sobre foi algo bom de se ver aprendi varias coisas.

O estudante A8 deixa claro seu gosto pela poesia de cordel, mesmo antes da proposta de intervenção, é importante essa capacidade de o leitor apontar a preferência desse gênero entre outros que certamente já teve contanto, esse fato revela um leitor com indícios de autonomia na escolha de suas leituras literárias.

Ter o contato com o texto do cordel sendo recitado pelo próprio autor em tempo real aos discentes foi enriquecedor para a aprendizagem, pois fortaleceu os laços de intimidade entre texto-leitor, perspectiva esta buscada pela proposta de intervenção com fins de ampliar essa aproximação. Outro ponto que vale ressaltar está na temática voltada para um problema social, o que realmente despertou o desejo de se expressar e participar da leitura de forma ativa. Fator este destacado por Pinheiro (2018, p. 16) como uma boa alternativa para se trabalhar a poesia em sala de aula na faixa etária juvenil:

[...] as temáticas sociais costumam ter também boa recepção. Textos que discutam preconceitos sociais, étnicos e questões de gênero suscitam debates às vezes calorosos e podem contribuir para a formação humana dos leitores. Nessas situações sugerimos o trabalho com diferentes gêneros literários e até com outras artes, como filmes, vídeos e documentários. O diálogo entre diferentes textos ajuda a perceber e compreender também a especificidade do texto em verso.

De acordo com a sugestão de Pinheiro, propomos uma temática social direcionada para a questão do meio ambiente, com problemáticas cada vez mais urgentes e polêmicas a atingir toda a população mundial. Em função disso e como forma de alcançar a linguagem literária, foram inseridos nas aulas a paródia para despertar a sensibilidade do jogo sonora das rimas frequentes nos cordéis e o jogo de damas com a finalidade de incluir o lúdico no processo de construção do cordel coletivo feito pelos alunos.

O poeta Antônio Francisco com seu carisma deu uma aula sobre cordel e a sua própria história de vida com essa arte. A respeito desse cordelista, os alunos registraram as suas opiniões a partir da pergunta: Sua visão em relação a Antônio Francisco antes do encontro com esse poeta mudou? Justifique.

Estudante A1: Sim. Por que depois que descobri que Braúlio Besa se inspirava em seu Antônio.

Estudante A2: Não, porque ele é um escritor simpático, que ama e sabe o que faz, o que eu pensava dele.

Estudante A3: Assim, A minha visão sobre a relação a Antônio Francisco antes sabíamos só que ele era cordelista, morava em Mossoró (RN) e depois conhecer pessoalmente é coisa diferente.

Estudante A6: Mudou, eu achei que ele era mais novo, porém mesmo sendo um idoso ele é muito legal bem animado e etc...

Estudante A8: Um pouco, pensei em uma pessoa normal e bem exigente, mas na verdade é uma pessoa tranquila, e companheira.

Estudante A9: Não. Antes dele vir eu pesquisei um pouco sobre ele então eu já sabia um pouco sobre ele e sua vida.

Estudante A13: Sim, eu achava que ele seria uma pessoa mais seria, e depois que conheci vi que ele era uma pessoa divertida, sorridente e que ama o que faz e tudo que falava colocava poesia.

Estudante A14: Não, pois já o imaginava humilde e legal como ele realmente é.

Estudante A18: Não quando eu vi sua obra os animais têm razão já percebi que deveria ser uma pessoa muito legal.

Estudante A19: Minha visão, é uma pessoa com empatia é que se importa com a natureza especialmente com a vida animal porque para mim para fazer um cordel sobre animais deveria ter essas características pra minha opinião é claro.

Estudante A20: Antes de conhecer ele, eu achei que ele não ia ser tão legal com a nossa turma ele faz bastante poesias legais e assim que conheci ele vi que é um idoso muito legal e divertido também.

As respostas dos discentes indicam que o texto representa o autor no processo da conjuntura da leitura literária, portanto as impressões iniciais foram tecidas baseadas nos cordéis dos poetas em estudos, dessa maneira o sentido das rimas e a forma de abordar a temática da natureza de certa forma influenciou na construção da identidade do poeta elaborada por nossos leitores.

Diante dos dados coletados, podemos dizer que a aula sobre a literatura popular de cordel, com foco para a tríade autor-leitor-texto (Antônio Francisco, Manoel Monteiro-colaboradores da pesquisa – e os textos de cordel), contribuiu bastante para o incentivo na formação de leitores. Isso porque foi possível verificar que os alunos se divertiram ao descobrir a beleza da linguagem do cordel.

Assim, mesmo em uma turma heterogênea, conclui-se que é possível proporcionar o prazer da leitura. Neste quesito muito concorrem o gênero literário e a abordagem temática. Associar cordel e meio ambiente através de um olhar, levando ao entendimento do leitor a interligação do homem com a natureza, incluindo plantas e animais, não apenas os elementos mais visados como fonte de vida, a exemplo da água, do ar, mas todos os recursos naturais existentes, pois cada um tem um papel relevante para a qualidade de vida humana.

A paródia (2 aulas) que os alunos construíram coletivamente apresenta inferências desses leitores retomando os sentidos dos poemas (cordéis), através da

realização de uma roda de conversa para debater questões referentes à utilização racional da água e a degradação do planeta, foi um ponto acolhido nessa fase da interpretação, pois as reflexões proporcionaram o diálogo entre os discentes. Sintetizando a abordagem do problema com a falta de água finalizamos apresentando o vídeo: Carta escrita no ano de 2070, contendo uma visão futura do caos que as próximas gerações sofrerão com a destruição da natureza e a escassez da água.

Para instigar ainda mais o debate a respeito do nosso papel em relação aos cuidados com o nosso planeta, procuramos tornar mais real os danos a saúde humana por meio do uso de fotos dos alunos modificadas com o auxílio de um aplicativo, em que a aparência facial de cada um foi envelhecida para ampliar a reflexão referente ao impacto dos problemas de saúde que poderão atingir o ser humano, diante do caos que a intervenção dos homens está causando a natureza. Portanto, observando a sua própria imagem projetada com traços de idoso, o aluno descreveu sua impressão oralmente e depois registrou o que achou em poucas palavras por escrito. Isso trouxe mais realidade para revelação dos sentimentos expostos de uma realidade futura. Simulando que eles teriam 40 anos, mas aparentariam 65 como é suposto na carta 2070, vemos um recorte das impressões dos educandos anotadas no diário de bordo do pesquisador. As respostas coincidiram muito, por isso citamos as falas que incluem a ideia central dos demais relatos.

Estudante A2: mim senti muito velha.

Estudante A3: Estranha.

Estudante A4: Me senti totalmente horrível e acabada.

Estudante A7: Horrível, não gostei.

Estudante A8: Acabado.

Estudante A9: Quando eu olhei, tive um susto não gostei da aparência.

Estudante A10: Estranho, pensei na hora “nunca que vou me tornar aquilo”, fiquei muito diferente mesmo, a pele descascando, manchada.

Estudante A11: Eu fiquei horrorosíssimo, fiquei indignado com as atitudes do ser humano. Vou mudar minhas atitudes, vou cuidar mais da água, vou plantar árvores.

Essa experiência permitiu os alunos verem a si mesmo e reciprocamente ver o outro, que pode ser qualquer um de nós. A compreensão dessa atividade está em repensar as ações feitas hoje, pois estas surtirão efeitos na geração futura. Tais exercícios de leitura possibilitam construir leitores capazes de refletir com maior facilidade sobre os fatos que exigem mais consciência. Realmente a aparência

envelhecida e sofrida devido os problemas ambientais impactou, pois, a aparência humana foi relacionada previamente no vídeo, A carta de 2070 ao efeito do sol nas pessoas, as doenças causadas pelo uso de água e comida contaminada ou não saudáveis, pessoas magras e animais morrendo por falta de alimentação, efeito da fome.

Nessa parte da interpretação o desafio foi construir a paródia baseada nessa discussão temática dos cordéis. Essas atividades foram desenvolvidas em duas equipes, visto que a turma no geral tem muita dificuldade em se expor, principalmente quando é a oralidade, pois além de coragem exige um planejamento. Observe as duas paródias construídas pela turma do 8A:

ERA UMA VEZ [KELL SMITH]

MEIO AMBIENTE

DO MEIO AMBIENTE TODOS NOS DEVEMOS CUIDAR.
POIS SEM ELE COMO PODEREMOS NOS HABITAR?
DEVEMOS PRESERVAR E GARANTIR UM FUTURO MELHOR
PARA NÃO ACABAR NUM PISCAR DE OLHAR.

O MEIO AMBIENTE DEVEMOS COLOCAR EM PRIMEIRO
LUGAR.

MUDAR NOSSAS ATITUDES, ELABORAR, REPENSAR, SE
RENOVAR.
ENTÃO TEREMOS UM MUNDO MELHOR PARA SE ALEGRAR.
ENTÃO PODEREMOS MAIS UMA VEZ VIVERMOS EM PAZ.

REFRÃO:

O MEIO AMBIENTE PRECISA DE VOCÊ, PARA PRESERVA-LO.
POIS SE DEIXAR-MOS DE LADO,
LOGO TEREMOS UM PLANETA DESGASTADO. [2X]

ENTÃO VAMOS COLOCAR NOSSOS PLANOS
EM AÇÃO.

POIS JUNTOS CONSEGUIREMOS FORMAR
UM PLANETA MELHOR.

E AÍ PODEMOS CONFIAR.

QUE PODEMOS VIVER UMA VIDA DE UNIÃO.

REFRÃO:

O MEIO AMBIENTE PRECISA DE VOCÊ, PARA
PRESERVA-LO.
POIS SE DEIXAR-MOS DE LADO, LOGO TEREMOS
UM PLANETA DESGASTADO. [2X]

MEIO AMBIENTE!

C. Natureza é quem chora
 Alguém me disse que o planeta tá doendo
 Que o ambiente tá se idando mal
 Que o homem tá fazendo tanto estrago assim
 Jogando lixo em todo lugar

 22. Tento ajudar e o homem não idisco
 Me espulsa e diz que é besteira
 Faz o errado e idisco o certo
 O homem é teimoso e não muda um nada

 23. Dimoio ambiente, de qd chora
 Amanhã volta a sorrir
 Disse, humano não vê o mal que
 está fazendo a natureza

Nos dois textos notamos a estrutura em estrofes e nos versos temos a sonoridade das rimas que compõem uma estética da poesia. Além do estilo poético, há nestes textos a abordagem de um conteúdo sob um discurso reflexivo e instigador para a propagação de atitudes coerentes com a educação ambiental de boas práticas. Apresentando essa ideia os discentes cantaram a paródia com o tema meio ambiente usando o violão e segundo os componentes do grupo a “bateria humana” (bancadas e as batidas feitas com as mãos).

Por fim concluímos a etapa da interpretação realizando uma oficina (4 aulas) com o objetivo de produzir o texto em cordel, na construção da poesia inserimos, o universo do jogo de damas. Vale salientar que a leitura do conteúdo tende a ficar mais acessível quando o leitor começa a se identificar com as características estéticas do texto. Assim para que estes apreendessem melhor as habilidades no manuseio da leitura e escrita do cordel.

Nesta oficina, foi construído um cordel coletivo com a temática do meio ambiente usando ao mesmo tempo um jogo de damas personalizado de acordo com o cordel de Antônio Francisco, *Os animais têm razão* e *O planeta água está pedido socorro*, de autoria de Manoel Monteiro. Para tal, houve a substituição da cor preta do tabuleiro pela cor verde; as peças também sofreram uma mudança no visual, passando a serem representadas pelos sete animais, o pé de juazeiro e o homem (retirante).

A orientação era que as regras do jogo seguissem normalmente semelhante às regras tradicionais do jogo de damas, porém acrescentando a elas mais duas regras primordiais para a construção do cordel coletivo. Assim, ao fazer uma dama,

o jogo ficaria congelado e só prosseguiria quando o adversário que perdeu a peça formulasse uma estrofe rimada com quatro versos, de forma que as rimas expressassem o conteúdo de acordo com o que eles pensam sobre a relação do homem com a natureza, incluindo os animais nos versos sempre que surgir a oportunidade de entrelaçar esse diálogo. Desse modo foi construído o texto que posteriormente foi conectado as demais estrofes dos outros grupos, resultando no cordel coletivo realizando pelos alunos.

A escrita e reescrita dos cordéis produzidos pelos alunos foi orientado também pela professora de Ciências. Junto à professora de Matemática aplicamos o jogo de damas na turma explicando as regras básicas, logo em seguida realizamos a reescrita e finalização do cordel (Anexo C).

Destacaremos alguns versos do cordel dos discentes, porém mantemos o foco na leitura, o cordel nesse caso foi construído para observarmos a percepção do leitor, sua sensibilidade nos sentidos do texto e a presença de um autor crítico. Nessa estrofe notamos o conhecimento de mundo que o leitor absorve e transforma tal vivência em uma visão positiva do ambiente, mesmo sabendo das adversidades que enfrentam diante do clima e outras questões sociais.

No Nordeste, minha gente
Tem muita diversidade
Plantas, aves e comidas
Cultura de verdade

Encontramos a indicação de um leitor que tem consciência dos problemas que o cerca, incluindo fatores naturais como por exemplo a escassez de água. Constatamos isso nas estrofes a seguir:

A nossa gente nem se fala
Ô gente guerreira
E trabalhadeira
No Nordeste se encontra

Nessa terra chove pouco
Mas dá pra sobreviver
Com união e consciência
Tem água para dar e vender

Diante do processo de leitura enfatizando discussões com a temática do meio ambiente aguçando nos alunos a necessidade de valorizar e cuidar no nosso planeta, portanto no cordel está sendo abordado as plantas típicas da região como

mandacaru, xique-xique, assim também como os animais representado pelo carcará, de forma que reflete o sentimento de orgulho por poder desfrutar da beleza e benefícios da fauna e flora da região que o indivíduo é parte integrante. Percebamos esse sentido na quadra a seguir:

Meu Nordeste tem riquezas
Só encontramos aqui
Sua música, sua dança
Sua gente que sorri

Essas atividades propostas adentraram em conhecimentos pertinentes a outras áreas, isso transparece o caráter da interdisciplinaridade que rege o trabalho baseado no ramo da ecocrítica. Diante disso, foi possível a interação de colegas de profissão trabalharem em parceria comigo, o que com certeza enriqueceu muito a aprendizagem e experiência com a leitura do texto literário na formação de leitores.

Finalizamos entregando mudas de ipês, pinha, romã, acerola e amora, dessa forma esses leitores ao plantarem as mudas estarão agindo em prol a natureza.

Com o encerramento das atividades dessa sequência, é possível verificar a percepção dos alunos no sentido de contribuir para o meio ambiente plantando uma árvore que futuramente servirá de alimento e purificação do ar, essa ação cultivada no interior deles o afeto pela natureza é um passo bem interessante na formação cidadã e ambiental dos nossos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por foco a leitura do texto literário (cordel) no processo de formação de leitores no contexto de ensino na perspectiva do letramento literário. Para isso abordamos dois cordéis que tratam da temática sobre o meio ambiente, *Os animais têm razão*, de autoria de Antônio Francisco, e *O planeta água está pedindo socorro* de autoria de Manoel Monteiro. A proposta de intervenção aplicada aos alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental, esteve orientada por uma metodologia de incentivo ao ato de ler de maneira mais significativa e lúdica, usando para tanto produções literárias da cultura popular brasileira com a abordagem sobre o meio ambiente cujas questões fazem parte da realidade do aluno.

Em função disso, adotamos os passos da sequência básica (COSSON, 2014) juntamente com oficinas de modo a associar estratégias pedagógicas em prol de trabalhar a leitura do texto literário. Além do planejamento e realização da proposta de intervenção a aplicação de questionários de cunho diagnóstico e avaliativo fez-se necessário para um bom andamento da pesquisa. Se inicialmente os alunos demonstravam pouco interesse pela leitura assim como pouco conhecimento em relação às características do gênero cordel, com as atividades realizadas durante a aplicação da proposta foi possível coletar registros que demonstraram uma nova realidade, seja dada pelo entendimento e aprendizagem das especificidades da Literatura de cordel e sua autoria, seja pela possibilidade de construir, a partir das leituras, uma nova percepção da relação do homem com o meio ambiente.

Essa mudança de percepção dos alunos, no sentido da leitura e dos cuidados com o meio ambiente, foi resultante de uma metodologia baseada teoricamente pelos referenciais sobre a formação do leitor na perspectiva do letramento, o ensino da literatura, e, do ponto de vista temático, os fundamentos da ecocrítica, dando base a uma compressão de convivência ecológica do homem e o meio ambiente.

De acordo com os dados coletados no questionário, os discentes tiveram boa receptividade dos textos adotados, assim como apreciaram positivamente a oportunidade de conhecer pessoalmente o autor do cordel *Os animais têm razão*. Além disso, também foram capazes de discutir os cordéis fazendo a relação com o conhecimento de mundo que o cerca em seu cotidiano. Assim, a diversidade de textos e temáticas e, em específico, o que está sendo tratado pelos folhetos de

cordel em estudo nesta pesquisa, revelam que a sala de aula é o espaço adequado para diálogo e debate a respeito de questões relevantes como a habitação do planeta terra de modo solidário, responsável e sobre tudo viver em harmonia com a natureza.

O acesso a uma leitura propositiva de conteúdos que subsidiaram as discussões a respeito da temática ecológica possibilitou o compartilhamento de conhecimento de mundo do aluno. Tal procedimento contribuiu na formação de um leitor capaz de refletir de maneira crítica, dentro do universo da linguagem enquanto prática social, e tornar-se atuante no meio em que está inserido por meio de ações simples, a exemplo, da plantação de mudas de árvores.

De modo ser possível afirmar que a temática abordada sobre o meio ambiente na sequência básica e oficinas direcionou os alunos num processo de leitura para que refletissem a respeito da relação dos seres humanos com a natureza, incluindo os animais e elementos naturais. Dadas as etapas da intervenção, percebeu-se um maior envolvimento dos alunos na construção de sentidos atribuídas aos textos literários, levando em consideração o seu conteúdo e a sua estética.

Conforme os registros coletados, o interesse em contribuir na formação de leitores capazes de dialogar com os textos, não apenas decodificá-los, mas entender os seus sentidos articulados, foi contemplado, uma vez que se observa nos educandos uma ampliação de sua competência leitora, capaz de refletir e questionar sobre os sentidos apontado pelo texto em estudo. Por outro lado, como é um processo de formação, o trabalho nesse âmbito precisa ser contínuo, para que de fato tenhamos leitores ativos e conscientes do seu papel de cidadão.

Em termos teóricos e práticos, concluímos que o cordel em sala de aula é um instrumento que pode proporcionar o envolvimento prazeroso dos educandos no processo da formação de leitores do texto literário. A leitura dos poemas possibilitou o contato com a linguagem literária na perceptiva de um letramento capaz de proporcionar a reflexão sobre as ações humanas, de modo a entender a necessidade de respeitar a convivência com o meio ambiente.

Tendo por base o contexto dessa pesquisa, orientada por uma metodologia de natureza interventiva, é possível que seus apontamentos possam de alguma forma contribuir para os estudos na área da formação do leitor literário no contexto

escolar, no sentido de que a literatura possibilita um ensino mais dinâmico e significativo, auxiliando para o desenvolvimento dos sujeitos em formação.

Portanto, o mestrado profissional (PROFLETRAS) foi de extrema importância para minha formação enquanto docente, pois o curso auxiliou na compreensão, organização e elaboração de práticas em sala de aula mais fundamentadas e coerentes, sendo proporcionadas através do elo entre a teoria e a prática.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 02/10/ 2018.
- CANDIDO, Antonio. *O direto à literatura*. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2014 - 2004, p.169 - 191.
- CAPRA, F. Educação. In: TRIGUEIRO, A. (Coord). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- CEREJA, William Roberto. *Ensino da literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014 - 2006.
- EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (org.). [Et al.] *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FRANCISCO, Antonio. *Os animais têm razão*. Mossoró: Editora Cordel, 2016.
- FERNANDES, M. T. O. S. *Trabalhando com os gêneros do discurso. Narrar: fábulas*. São Paulo: FTD, 2001.
- FERRAREZI JR, Celso. *De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 37.ed. São Paulo: Cortez, 1999 - 1989.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Universidade de Brasília, 2006.
- GIFFORD, Terry. *A Ecocrítica na Mira da Crítica Atual*. Terceira Margem. Rio de Janeiro. Janeiro/julho 2009. P. 244-261.
- JENNIFER, Fogaça. *Pesquisa-ação em Brasil escola canal do professor*. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2019.

KOCH, Ingedora Villaça. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2ed. São Paulo: contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villança. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2007.

LEITE, Francisco Tarciso. *Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros*. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. PINTO, Francisco Neto Pereira. *Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura*. In: Dialnet, 2013. P. 36-49. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo>. Acesso em 16 de janeiro de 2019.

MANOEL, Monteiro. *O planeta água está pedindo socorro*. 4 ed. Campina Grande: Cordelaria Poeta Manoel Monteiro, 2011.

MATTOS, Carmem Lucia Guimarães, CASTRO, Paula Almeida. *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MORENO, Ana Carolina. *Brasil Cai em Ranking Mundial de Educação em Ciência, Leitura e Matemática*. G1 Educação. 06 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

PIRES, Pedro. [et al.]. *Ecocentrismo e Comportamento: Revisão da Literatura em Valores Ambientais*. Brasil UnPsicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 4 p. 611-620, out. /dez. 2014.

PEREIRA, José Carlos Ribeiro. *Literatura e a natureza: uma leitura sob a perspectiva ecocrítica da poesia de Xexéu*. Graduação em Letras. Guarabira, 2014.

SANTOS, Claudia Jacinto de Medeiros. *A literatura popular na sala de aula: Uma proposta para o ensino de leitura literária*. Dissertação de mestrado. Currais Novos, 2016.

SEGABINAZI, Daniela Maria. MACÊDO, Jhennefer Alves. LIMA, Joaões Cabral de. *A Literatura nos Anos Finais do Ensino Fundamental: A valorização do Texto Literário nas Aulas de Língua Portuguesa*. In: III CONEDU, 2016, Natal.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ªed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. 6. ed., 1ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2011.

SLOVIC, Scott. *Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine*. In: ASLE News, Spring, 1999. p.5-6. Disponível em: www.asle.org/assets/docs/roundtable.pdf. Acessado em: 15/02/2019.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6ªed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

ZOARA, Failla. *Retratos da leitura no Brasil*. Rio de Janeiro. Sextante, 2016.

ANEXOS

Anexo A- Cordel Os animais têm razão

Coleção: Uma Acorda de Cordel - 25 Vol.



Antonio Francisco Teixeira de Melo é filho de Francisco Petronilo de Melo e Pêdra Teixeira de Melo e casado com Dona Nira. Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Poeta popular, cordelista, xilógrafo e compositor. Aos 46 anos começou a escrever e a publicar seus primeiros trabalhos. Muitos de seus poemas são estudados por estudantes, professores, pesquisadores e compositores do Rio Grande do Norte e de outros estados brasileiros, interessados na musicalidade, na construção poética impar e envolvente. Em 15 de Maio de 2006, tomou posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel-ABLC, na cadeira de n. 15, cujo patrono é o saudoso poeta cearense Patativa do Assaré. E de lá para cá vem dando grande contribuição para a resnascência e consolidação da Literatura de Cordel. São livros do autor: Dez cordéis num cordel só, Por motivos diversos, Veredas de sombras, Sete contos de Maria, O olho torto do rei, e, está escrevendo: Quatro águas e meia de cordel.

Todos os direitos reservados ao autor
Foto: 14/03/15 no teatro Dix-Huit
7ª Tiragem
Editor: José Augusto
augustoraújo.s@hotmail.com



Auton Antonio Francisco

OS ANIMAIS TÊM RAZÃO



Coleção: Uma Acorda de Cordel - 25 Vol.
Mossoró-RN, Julho de 2014/ Ilustração: Rafael Lima Verde

LITERATURA DE CORDEL

Antonio Francisco

OS ANIMAIS TÊM RAZÃO

Quem já passou no sertão
E viu o solo rachado,
A caatinga cor de cinza,
Duvido não ter parado
Pra ficar olhando o verde
Do juazeiro copado.

E sair dali pensando:
Como pode a natureza,
Num clima tão quente e seco,
Numa terra indefesa
Com tanta adversidade
Criar tamanha beleza.

1

O juazeiro, seu moço,
É pra nós a resistência,
A força, a garra e a saga,
O grito de independência
Do sertanejo que luta
Na frente da emergência.

Nos seus galhos se agasalham
Do periquito ao canção.
É hotel do retirante
Que anda de pé no chão,
O general da caatinga
E o vigia do sertão.

E foi debaixo de um deles
 Que eu vi um porco falando,
 Um cachorro e uma cobra
 E um burro reclamando,
 Um rato e um morcego
 E uma vaca escutando.

Isso já faz tanto tempo
 Que eu nem me lembro mais
 Se foi pra lá de Fortim,
 Se foi pra cá de Cristais,
 Eu só me lembro direito
 Do que disse os animais.

Eu vinha de Canindé
 Com sono e muito cansado,
 Quando vi perto da estrada
 Um juazeiro copado.
 Subi, armei minha rede
 E fiquei ali deitado.

Como a noite estava linda,
 Procurei ver o cruzeiro,
 Mas, cansado como estava,
 Peguei no sono ligeiro.
 Só acordei com uns gritos
 Debaixo do juazeiro.

Quando eu olhei para baixo
 Eu vi um porco falando,
 Um cachorro e uma cobra
 E um burro reclamando,
 Um rato e um morcego
 E uma vaca escutando.

O porco dizia assim:
 - "Pelos barbas do capeta!
 Se nós ficarmos parados
 A coisa vai ficar preta...
 Do jeito que o homem vai,
 Vai acabar o planeta.

Já sujaram os sete mares
 Do Atlântico ao mar Egeu,
 As florestas estão capengas,
 Os rios da cor de breu
 E ainda por cima dizem
 Que o seboso sou eu.

Os bichos bateram palmas,
 O porco deu com a mão,
 O rato se levantou
 E disse: - "Prestem atenção,
 Eu também já não suporto
 Ser chamado de ladrão.

O homem, sim, mente e rouba,
 Vende a honra, compra o nome.
 Nós só pegamos a sobra
 Daquilo que ele come
 E somente o necessário
 Pra saciar nossa fome."

Palmas, gritos e assovios
 Ecoaram na floresta,
 A vaca se levantou
 E disse franzindo a testa:
 - "Eu convivo com o homem,
 Mas sei que ele não presta.

É um mal-agradecido,
 Orgulhoso, inconsciente.
 É doido e se faz de cego,
 Não sente o que a gente sente,
 E quando nasce e tomando
 A pulso o leite da gente.

Entre aplausos e gritos,
 A cobra se levantou,
 Ficou na ponta do rabo
 E disse: - "Também eu sou
 Perseguida pelo homem
 Pra todo canto que vou.

Pra vocês o homem é ruim,
 Mas pra nós ele é cruel.
 Mata a cobra, tira o couro,
 Come a carne, estoura o fel,
 Descarrega todo o ódio
 Em cima da cascavel.

É certo, eu tenho veneno,
 Mas nunca fiz um canhão.
 E entre mim e o homem,
 Há uma contradição
 O meu veneno é na presa,
 O dele no coração.

Entre os venenos do homem,
 O meu se perde na sobra...
 Numa guerra o homem mata
 Centenas numa manobra,
 Inda tem cego que diz:
 Eu tenho medo de cobra."

A cobra inda quis falar,
 Mas, de repente, um esturro.
 É que o rato, pulando,
 Pisou no rabo do burro
 E o burro partiu pra cima
 Do rato pra dar-lhe um murro.

Mas, o morcego notando
 Que ia acabar a paz,
 Pulou na frente do burro
 E disse: - "Calma, rapaz!...
 Baixe a guarda, abra o casco,
 Não faça o que o homem faz."

O burro pediu desculpas
 E disse: - "Muito obrigado,
 Me perdoe se fui grosseiro,
 É que eu ando estressado
 De tanto apanhar do homem
 Sem nunca ter revidado."

O rato disse: – “Seu burro,
 Você sofre porque quer.
 Tem força por quatro homens,
 Da carroça é o chofer...
 Sabe dar coice e morder,
 Só apanha se quiser.”

O burro disse: – “Eu sei
 Que sou melhor do que ele.
 Mas se eu morder o homem
 Ou se eu der um coice nele
 É mesmo que estar trocando
 O meu juízo no dele.

Os bichos todos gritaram:
 – “Burro, burro... muito bem!”
 O burro disse: – “Obrigado,
 Mas aqui ainda tem
 O cachorro e o morcego
 Que querem falar também.”

O cachorro disse: – “Amigos,
 Todos vocês têm razão...
 O homem é um quase nada
 Rodando na contramão,
 Um quebra-cabeça humano
 Sem prumo e sem direção.

Eu nunca vou entender
 Por que o homem é assim:
 Se odeiam, fazem guerra
 E tudo o quanto é ruim
 E a vacina da raiva
 Em vez deles, dão em mim.”

Os bichos bateram palmas
 E gritaram: – “Vá em frente.”
 Mas o cachorro parou,
 Disse: – “Obrigado, gente,
 Mas falta ainda o morcego
 Dizer o que ele sente.”

O morcego abriu as asas,
 Deu uma grande risada
 E disse: – “Eu sou o único
 Que não posso dizer nada
 Porque o homem pra nós
 Tem sido até camarada.

Constrói castelos enormes
 Com torre, sino e altar,
 Põe cerâmica e azulejos
 E dão pra gente morar
 E deixam milhares deles
 Nas ruas, sem ter um lar.”

O morcego bateu asas,
Se perdeu na escuridão,
O rato pediu a vez,
Mas não ouvi nada, não.
Peguei no sono e perdi
O fim da reunião.

Quando o dia amanheceu,
Eu desci do meu poleiro.
Procurei os animais,
Não vi mais nem o roteiro,
Vi somente umas pegadas
Debaixo do juazeiro.

Eu disse olhando as pegadas:
Se essa reunião
8 Tivesse sido por nós,
Estava coberto o chão
De piubas de cigarros,
Guardanapo e papelão.

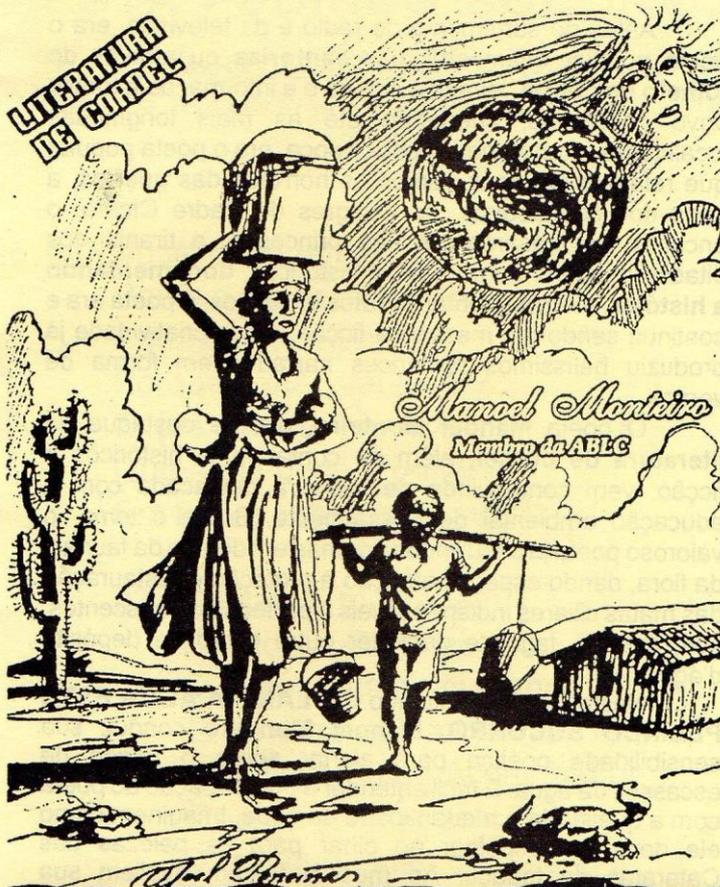
Botei a maca nas costas
E saí cortando o vento.
Tirei a viagem toda
Sem tirar do pensamento
Os sete bichos zombando
Do nosso comportamento.

Hoje, quando vejo na rua
Um rato morto no chão,
Um burro mulo piado,
Um homem com um facão
Agredindo a natureza,
Eu tenho plena certeza:
Os animais têm razão.

08/07/2016 - FIM

O PLANETA ÁGUA ESTÁ PEDINDO SOCORRO

LITERATURA
DE CORDEL



Manoel Monteiro
Membro da ABLC

4ª Ed. - Campina Grande - Paraíba - Brasil - Setembro/2011

PALAVRA DE PROMOTOR:

Antes do surgimento do rádio e da televisão, era o poeta popular quem em suas **cantorias** ou através do **folheto de cordel**, levava a cultura e a informação a todo o povo nordestino, chegando até as mais longínquas localidades interioranas. Nessa época, era o poeta popular que relatava em seus versos os horrores das guerras, a saga dos cangaceiros, os milagres do Padre Cícero, o encanto dos casamentos das princesas, a tirania dos ditadores, enfim, narrava fatos históricos, **documentando a história**. Além de contar os fatos históricos, o poeta era e continua sendo um mestre na ficção, e sua criatividade já produziu belíssimos romances narrados em forma de versos.

O poeta **Manoel Monteiro**, grande destaque da **literatura de cordel**, além de contar fatos históricos e ficção, vem contribuindo de maneira destacada com a educação ambiental de nossa gente. Sobre o tema, o valoroso poeta já criou lindos poemas em defesa da fauna e da flora, dando especial atenção à proteção e restauração das matas ciliares indispensáveis à proteção de nascentes, rios, riachos, lagos e qualquer outro curso de depósito d'água.

Neste Cordel, intitulado **O PLANETA ÁGUA ESTÁ PEDINDO SOCORRO**, **Manoel Monteiro** conduz sua sensibilidade poética para alertar sobre o perigo de escassez da água. É fácil entender a preocupação do poeta com a qualidade e a quantidade de água. Imaginem como ele deve se empolgar ao olhar para as belezas das Cataratas do Iguaçu. Ao mesmo tempo, avaliem sua tristeza ao contemplar a poluição do rio Tietê. Os mais belos cenários da Terra, agradáveis aos sentidos e convidativos

(Continua na segunda contracapa)

O PLANETA ÁGUA ESTÁ PEDINDO SOCORRO

Autor: Manoel Monteiro
Da Academia Brasileira de Literatura de Cordel
e do IHGCP

01 - Você sabia que é

Preciso economizar
Água doce de beber
Porque senão vai faltar?
E que é muito provável
Que água doce e potável
Em breve possa acabar?

02 - Se sabia, muito bem,

Senão vai ficar sabendo
Que por falta de cuidados
Tem manancial morrendo,
Uns, sujam a água que bebem
E nem de longe percebem
O mal que estão cometendo.

NÃO JOGUE LIXO NOS CANAIS

03 - A água não vai sumir
 Mas com rio assoreado,
 Água suja, lixo exposto,
 Morro e campo desmatado,
 Lago com chumbo e mercúrio
 Com este pincel expúrio
 O presente é mal pintado.

04 - Nosso PLANETA ÁGUA / TERRA

Só tem a água que tem,
 Sem água, todos sabemos,
 Não sobrevive ninguém,
 Quem sabe disso propala
 Que devemos preservá-la
 Para nosso próprio bem.

05 - Água nunca foi nem é
 Um recurso renovável
 Por isso não desperdice
 Nossa doce água potável;
 O H²O bem composto
 Não tem gosto, mas seu gosto
 Tem sabor inimitável.

AS ÁRVORES PURIFICAM O AR

06 - Da água que tem na terra
 A quantidade é constante
 O que você desperdiça
 Prejudica o semelhante,
 Onde tira e não se bota
 Só um "Zé Mané" não nota
 Que vai faltar adiante.

07 - É possível que alguém
 Vendo a imensidão do mar
 Ache que tem tanta água
 Que pode desperdiçar,
 Mas isso não é verdade
 Preste atenção, por bondade,
 No número que vou lhe dar.

08 - Água pura de beber
 É bastante limitada,
 Água salgada tem muita
 Mas de toda água somada
 Pelo que já apurou-se
 Dois por cento é água doce
 O resto é água salgada.

QUEM POLUI A ÁGUA MATA O PEIXE

09 - Dessalinizar a água
 Inda é criança de touca
 Está só engatinhando
 Não dá pra molhar a boca,
 O equipamento é raro,
 O processo custa caro
 E a produção é pouca.

10 - Vão aqui algumas dicas
 Pra fazer economia:
 - Banho quente é repousante
 Mas não passe nele um dia
 Senão a conta na frente
 Fará desse banho quente
 Você entrar numa fria.

11 - Tem gente que se demora
 Meia hora no banheiro,
 Dois banhos são uma hora,
 Somam trinta o mês inteiro
 Essa demora é nefasta
 A água que um desse gasta
 Dá pra encher um barreiro.

ÁGUA PARADA É ANCORADOURO DE MOSQUITO

12 - O sanitário consome
 De água uma boa carga
 Pois de 10 a 15 litros
 Se vão a cada descarga,
 Estou dizendo à vocês
 Que é isso no fim do mês
 Que deixa a "continha" amarga.

13 - Para saber se a descarga
 Está merecendo fé
 Levante a tampa do vaso
 Coloque pó de café
 Se não houver movimento
 Ali não há vazamento
 Se tem, noutro canto é.

14 - Uma gota, pingo, pingo,
 Duma torneira imperfeita,
 Uma parede molhada
 E ao cano não se ajeita
 É isso meu camarada
 Que deixa a conta enfeitada
 Com muito zero à direita.

NÃO GASTE HOJE A ÁGUA DO AMANHÃ

15 - Permitir a criançada
 Brincar com água corrente
 Pode ter plena certeza
 Não é muito inteligente,
 Limpar calçada ou quintal
 Com a vassoura é legal
 Mas com água é imprudente.

16 - Para lavar automóvel
 Use uma lata ou bacia
 Pegue a água e vá jogando
 Passe a flanela macia,
 Com esse procedimento
 Não gasta cinco por cento
 Da água que gastaria.

17 - Tirar barba, escovar dente
 Mantendo a torneira aberta
 Se for com toda vasão
 É de bem que fique alerta
 Que gasta um balde ou um filtro
 Pois em vez dum meio litro
 Vão-se uns 10 litros na certa.

NENHUM SER HUMANO VIVE SEM AGUA

18 - Lavar frutas e legumes
 É correto e indicado
 Mas com a torneira aberta
 É um consumo danado;
 Com água e vinagre num
 Balde ou vasilha comum
 Dá muito mais resultado.

19 - Abrir a torneira toda
 Para lavar copo ou prato
 Usando muito sabão
 É um desperdício ingrato
 Que só faz pessoa tonta
 Porque só piora a conta
 E deixa caro o "barato".

20 - Do detergente atuante
 A bactéria se afasta
 Só não coloque demais
 Seja líquido, seja pasta,
 Não vá bancar o "matuto"
 Quanto mais forte o produto
 Mais água a limpeza gasta.

QUEM ECONOMIZA NÃO É SOVINA, É SÁBIO.

21 - Diluir o detergente

É salutar providência
Desde que não comprometa
Seu grau de suficiência
Permanecendo supimpa
Gasta menos água e limpa
Com a mesma eficiência.

22 - Um cano mal emendado

Gotejando vez em vez,
Da boia desregulada
Se o conserto não se fez
Vão resultar desse evento
Um acréscimo violento
Da conta ao final do mês.

23 - Para checar vazamento

Ou outro qualquer defeito
Entre hidrômetro e caixa
d'água há um simples jeito:
- Feche tudo com cuidado
Se o hidrômetro ficar parado
É que está tudo perfeito.

VAZAMENTO NA RUA, LIGUE PARA A COMPANHIA

24 - Toda esta economia

Que estamos sugerindo
Quem seguir certinho vai
Quando o mês estiver findo
Pagar a conta da água
Sem remorso, queixa ou mágoa,
Feliz, alegre, sorrindo.

25 - Pois não se priva do banho

Nem do asseio do lar,
Nem deixa as plantas murchando
Nem o carro sem lavar,
Nem a sujeira invadir
Tampouco a conta subir
Sabendo economizar.

26 - REUTILIZAR a água

Que desce pelo chuveiro
Aproveita o saponáceo,
A soda cáustica e o cheiro,
A conta d'água não cresce
E o sanitário agradece
Essa água do banheiro.

OS ANIMAIS NÃO DESPERDIÇAM ÁGUA

27 - Quem tem plantas na calçada
 No jardim ou no quintal
 Usando a água das pias
 Para aguar é legal;
 Faça isso com as minhas
 Que permanecem verdinhas
 E o consumo normal.

28 - Mesmo que o consumidor
 Tenha grana de sobrar
 Para mostrar que é bacana
 Não deve desperdiçar;
 Vindo o racionamento
 Ninguém vai ficar isento
 Todo mundo vai "dançar";

29 - Melhor ter pouco; mas ter
 Pior mesmo é quem não tem,
 Pelo que estamos vendo
 É preciso entender bem
 Que: **ÁGUA, SABENDO USAR,**
 Por certo, **NÃO VAI FALTAR**
 Na torneira de ninguém.

A SUJEIRA QUE OBSTRUI O ESGOTO E SUA

30 - O poder público também
 Tem responsabilidade,
 Talvez bem mais, porque tem
 De abastecer a cidade
 Exatamente por isso
 Tem de honrar o compromisso
 Com toda sociedade.

31 - Vazamento em via pública
 Quem tiver conhecimento
 Comunique a companhia
 Que sabedora do evento
 Tem interesse e dever
 De procurar resolver
 A causa do vazamento;

32 - **ÁGUA É VIDA**, todos sabem
 E por isso é garantida
 Pois a Constituição
 Garante o Direito à Vida
 Mas tem uns que não merecem,
 Ensandecidos esquecem
 A lei estabelecida.

A ÁGUA É PATRIMÔNIO COLETIVO

33 - O Estado tem o DEVER
De pelo povo zelar,
Recolher lixo das ruas
E aos esgotos tratar,
Fazer isso e fazer bem,
Em troca, O POVO NÃO TEM
O DIREITO DE SUJAR.

34 - Um saco plástico "inocente"
Grande mal pode fazer;
Não se degrada na chuva,
Mata o bicho que o comer,
Provoca incontáveis danos
Porque passa muitos anos
Para a terra o dissolver.

35 - Não jogar lixo na rua
Nem em terreno baldio;
Manter nosso mundo limpo
Chega ser um desafio,
O lixo a chuva carrega
E a sujeira navega
Para obstruir o rio.

EM TÓQUIO NÃO TEM GARI, SABEM PORQUE?

36 - De que tem rios morrendo
Todo mundo está ciente
E quando um rio "falece"
Mata planta, bicho e gente,
Acaba a vida que tem
E a culpa toda é de quem
Degrada o meio ambiente

37 - Este cordel traz nos versos
Lições que valem lembrar,
Exemplo: O valor dos erres
Onde um é REICLAR
(Para melhorar o mundo)
REUTILIZAR, o segundo;
Terceiro, REAPROVEITAR.

38 - Quem RECICLA ganha em dobro,
Melhor se REUTILIZA,
Se REAPROVEITA então
Pelo que economiza
O planeta saberá
Que no futuro terá
A água de que precisa.

OS INSETICIDAS MATAM INSETOS E GENTE

39 - Parece ouvir o gemido
Da mata desfalecendo
Sob a motosserra e sob
A labareda crescendo
Por esse hábito perverso
O verde do universo
Está desaparecendo.

40 - E o homem "bicho" insensível
Com isto não se comove
Teima em não compreender
Que feita a prova dos 9
O mundo não tem saída
Pois sem água não tem vida
E sem ter mata não chove.

41 - Não é demais repetir
Toda hora e todo dia
Que água é um bem finito
Só tem a mesma quantia,
De que lhe vale um tesouro
Se você tem muito ouro
Mas não dispõe de água fria?

TODO DINHEIRO DO MUNDO POR UM COPO D'ÁGUA

42 - Quem não desperdiça paga,
Só o que consome e pode;
Mas a conta vindo errada,
Reclame, não se acomode,
Quem faz certo quer exato
Só não apele pra "gato"
Pois fazer "gato, dá bode".

43 - Quem faz "gato" paga multa,
Tem a água desligada,
Além de outras sanções
Pode até ser processada,
Ser sabido é ser decente
E o "cabra" inteligente
Não entra nessa furada.

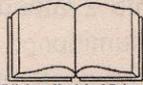
44 - Mesmo a conta é rateada
Por todo consumidor
Gaste pouco ou gaste muito
É dividido o valor
Pelo gasto da cidade
Com equitatividade
Para cada morador.

ABAIXO O DESPÉRDICIO

45 - Você não desperdiçando
 O ganho vai ser geral
 Além do mais fará jus
 À convite especial
 Pra desfilar na avenida
 Encenando o show da vida
 E no papel principal

46 - Moçada NÃO DESPERDICE
 ÁGUA DOCE DE BEBER
 Nem polua cursos d'água
 Ou então você vai ver
 Em breve a sede marota
 Lhe implorar uma gota
 Mesmo assim você não ter.

Este cordel teve a 1ª Edição patrocinada pela:



Biblioteca Municipal Belmonte



Secretaria Municipal de Cultura
 Coordenadoria Municipal de Bibliotecas

**POLUIR A NATUREZA
 É ATENTAR CONTRA A PRÓPRIA EXISTÊNCIA**

(Continuação)

PALAVRA DE PROMOTOR:

à poesia, têm a água na sua composição, geralmente como fundo principal: as ondas do mar, as cachoeiras, os riachos, os lagos azuis, a neblina caindo sobre um jardim florido, os pingos brotando de uma nascente, o orvalho da manhã brilhando aos primeiros raios do sol, enfim, para o poeta a água não é apenas útil no dia-a-dia, mas também é fonte inesgotável de inspiração. A água de belezas indescritíveis, para o poeta, é composição obrigatória em nosso cotidiano, ao cozinhar, na formulação de medicamentos, na geração de energia elétrica, enfim, é essencial na fabricação ou criação de qualquer coisa. Fica evidente que, nas nossas atividades diárias, nos preocupamos em conseguir os demais elementos. Com a água não, "só água, tem em abundância". Será? Na verdade somente 0,02% do total de água de superfície em nosso planeta é potável, portanto, não é tão abundante e, embora o homem não a faça desaparecer da natureza, como faz com as florestas, em sua irresponsabilidade desmedida, está contribuindo para que fique poluída e conseqüentemente, tomando-a imprestável para o consumo. Não existe vida sem água. Inutilizando-a o homem está predestinado a se afogar num mar de imundície.

Este folheto do poeta Manoel Monteiro, além da beleza dos versos, é um manual que deve ser seguido para que a água seja usada com racionalidade, e, conseqüentemente, exista em quantidade e qualidade para as futuras gerações.

Campina Grande-PB, 10 de agosto de 2005

José Eulámpio Duarte
 Promotor de Justiça

Anexo C- Atividades utilizadas do livro didático

Prática de leitura

Texto 2 – Poema de cordel

ANTES DE LER

Antes de ler mais um poema de cordel, responda às questões a seguir:

1. A literatura de cordel é comum no local em que você vive?
2. Você já conhecia textos desse gênero?
3. A imagem que acompanha o poema de cordel a seguir é a reprodução da capa do folheto do qual o texto foi retirado. Observando apenas a ilustração, levante uma hipótese: Sobre que assunto o texto vai tratar?

Agora, leia o cordel a seguir, que apresenta algumas reflexões sobre a natureza humana.

O burro é o ser humano

Acordei de madrugada
e comecei a fazer risco...
Pedi licença ao poeta,
meu mestre Antonio Francisco,
E puxei pela memória
pra escrever essa história
que chegou como um corisco:

Andando pela cidade
vi uma carroça larga
cheia de areia e cimento
e pensei na vida amarga,
o sofrimento, a tortura,
como é a vida dura
de um pobre burro de carga.

Ao ver o burro cansado
perguntei no pensamento:
– Como é que um homem pode
causar tanto sofrimento?
– Como pode ser tão mau
com esse pobre animal?
– Coitado desse jumento!

E fiquei ali parado
pensando na humanidade
que pra se satisfazer
perde o rumo da verdade.
E entre todos os animais,
entre todos os demais,
é o único que tem maldade.

[...]



Capa do folheto de cordel *O burro é o ser humano*, de José de Acaci, com xilogravura de Adriano Albuquerque.

Olhando aquele jumento
escutei a voz de alguém,
mas olhei ao meu redor
vi que não tinha ninguém.
Só o jumento cansado,
olhando para o meu lado
como uma coisa do além.

Fiquei todo arrepiado
quando o jumento me olhou
chamou minha atenção
e para mim cochichou:
“– Não se assuste comigo
você não corre perigo.”
E depois continuou:

“– Você, meu caro poeta,
com esse seu sentimento
foi por Deus abençoado.
E agora, nesse momento,
vai ter a capacidade
e a oportunidade
de escutar um jumento.”

Eu senti um arrepio,
o suor veio na palma,
ao escutar o jumento
senti um frio na alma,
meu coração disparou,
mas o jumento falou:
“– Meu poeta, tenha calma!”

Olhou-me com a grandeza
de um sábio de Alexandria,
e disse: “– O que o homem faz
comigo é covardia,
mas eu lhe dou o perdão
porque no meu coração
só tenho paz e alegria.”

“– Não adianta queixar-me
de todo meu sofrimento.
Eu não reclamo da vida
nem resmungo um só momento,
não vivo no desatino
porque sei que o meu destino
foi nascer pra ser jumento.”

“– Porém, você meu poeta,
faz parte da raça humana.
A quem Deus deu liberdade
e a vontade soberana
pra decidir com cuidado
entre o certo e o errado
entre o amor e a gana.”

“– O ser humano optou
pelo lado que não presta.
Poluiu rios e mares,
tocou fogo na floresta,
e desmatou sopé de morro,
É um pedindo socorro
e outro fazendo festa.”

[...]

“Com trator e motosserra
fizeram o desmatamento
deixaram a aréia solta
gerando assoreamento.
– Oh atitude infeliz!
Ainda tem gente que diz
que eu é que sou jumento.”

“– Desculpe, caro poeta,
magoar não é meu plano,
mas o homem me maltrata
e ainda comete o engano
de dizer que eu sou burro”,
e falou dando um esturro:
“O burro é o ser humano.”

“– Um bicho que inventa armas,
que destrói uma nação,
que tem inveja e ganância
no sangue e no coração.
Que faz o mal e sai rindo,
tá se autodestruindo.
– Esse perdeu a razão!”

[...]

ACACI, José. *O burro é o ser humano*. Parnamirim: s.d.

POR DENTRO DO TEXTO

1. Esse poema de cordel apresenta algumas palavras que, dependendo da região do Brasil em que você vive, podem gerar dúvidas quanto ao significado. Antes de realizar as próximas atividades, pesquise as palavras desconhecidas no dicionário.
2. Em resumo, qual é o assunto tratado nesse cordel?
3. Uma das personagens desse cordel é um burro falante. Em que outro gênero de texto o recurso de personificação de animais costuma ser utilizado?
4. O eu poético comenta, na primeira estrofe, que recorre à memória para narrar o que virá em seguida. Que outra expressão, usada anteriormente nessa mesma estrofe, antecipa a ação de escrever?
5. Releia esta estrofe:

E fiquei ali parado
pensando na humanidade
que pra se satisfazer
perde o rumo da verdade.
E entre todos os animais,
entre todos os demais,
é o único que tem maldade.

- a) Que palavra poderia sintetizar a ideia apresentada no terceiro e no quarto versos dessa estrofe? Transcreva-a em seu caderno.
I. Anseio. II. Maldade. III. Ganância. IV. Orgulho.
 - b) Explique o que seria "perder o rumo da verdade", segundo o ponto de vista do jumento.
 - c) Segundo o poema, qual é o único animal que tem maldade?
 - d) Você concorda com essa ideia? Justifique sua resposta.
6. Releia outro trecho do poema:

"[...]
mas eu lhe dou o perdão
porque no meu coração
só tenho paz e alegria."

- a) De quem é essa afirmação?
 - b) O que é possível perceber sobre a índole dessa personagem a partir da leitura desses versos?
7. Na 12ª estrofe, percebe-se um confronto de atitudes.
- a) Localize e transcreva em seu caderno os dois versos que apresentam essa oposição.
 - b) Identifique quais são os elementos que estão em oposição nesses versos.
 - c) Dê exemplos que confirmem a ideia que esses versos apresentam.

TEXTO E CONTEXTO

1. Leia o trecho a seguir, em que o poeta José Acaci faz um comentário sobre o cordel *O burro é o ser humano*:

[...] O grande poeta Antonio Francisco é autor do cordel *Os animais têm razão*, no qual ele escuta a conversa de vários animais sobre a maneira como o ser humano está tratando o nosso planeta. O burro, a vaca, o morcego, a cobra, o cachorro e o rato fazem uma conferência com muito bom humor e irreverência. No cordel *O burro é o ser humano* eu me encontro com o Burro da poesia de Antonio Francisco e travamos uma conversa sobre a situação do Rio Pitimbu e a construção de condomínios na sua margem.

ACACI, José. *O cordel de Acaci* [blogue], 30 maio 2013. Disponível em: <http://ocordeldea-caci.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html>. Acesso em: 20 mar. 2015.

- Que relação o comentário anterior estabelece entre o cordel *O burro é o ser humano* e o cordel *Os animais têm razão*?
2. Localize, no poema, a estrofe em que o nome do poeta Antonio Francisco é citado e transcreva em seu caderno os versos que fazem referência a ele.
3. A forma como o autor se refere ao poeta Antonio Francisco no comentário e também nos versos atribui que caráter ao cordel *O burro é o ser humano*? Transcreva a alternativa correta em seu caderno.
- a) De homenagem, pois o autor José Acaci considera o poeta Antonio Francisco um grande mestre, a ponto de se inspirar em um de seus poemas.
 - b) De paródia, pois o autor José Acaci desconstrói o poema de Antonio Francisco, inserindo elementos de humor e irreverência que não estavam presentes no cordel original.
 - c) De crítica, pois o autor José Acaci discorda completamente das ideias apresentadas no cordel de Antonio Francisco e procura contestá-las em seus versos.

TEXTO E CONSTRUÇÃO

Você já teve a oportunidade de estudar várias características do gênero poema. Reveja algumas delas:

- O **poema** é um gênero textual estruturado em versos. Cada linha do poema corresponde a um **verso**. Ao conjunto de versos damos o nome de **estrofe**. Há poemas de apenas uma estrofe, em que os versos aparecem agrupados, sem espaço entre eles. Os dois poemas de cordel lidos neste capítulo são divididos em estrofes, mas há poemas em que isso não ocorre.
- O **poema** pode ou não ter **rimas**. A rima ocorre quando, no fim ou no meio dos versos de um poema, há palavras que terminam com sons iguais ou semelhantes. As rimas podem ocorrer em versos diferentes ou dentro de um mesmo verso.
- As palavras ou expressões utilizadas nos poemas podem ter vários significados, ou seja, em geral esses textos empregam uma **linguagem figurada**, sendo necessária a interpretação daquilo que querem expressar.
- A intenção de um poema pode ser a de emocionar o leitor, de propor uma reflexão ou de apresentar os sentimentos, as ideias e as emoções do poeta em situações cotidianas.
- O **ritmo** de um poema é criado pela alternância entre sílabas fortes e fracas nos versos, gerando uma **cadência**. Quando os versos apresentam um **ritmo constante**, que se repete, dizemos que o poema apresenta uma **cadência regular**.

Anexo D- Cordel : Sacode a água do Porão

ABERTURA (professor 1)

BOM DIA SENHORES E SENHORAS
CAROS COLEGAS PRESTEM ATENÇÃO
QUE AGORA VAI COMEÇAR
UM DUELO COM MUITA EMOÇÃO

ABERTURA (PROFESSOR 2)

VAMOS FALAR DE PASSADO
DAS LEMBRANÇAS DESTE LUGAR
O NOVO E O VELHO DUELANDO
PARA VER QUEM VAI GANHAR

ESTUDANTE A
OH! QUE SAUDOSA LEMBRANÇA
TENHO EU DA MINHA INFÂNCIA
QUANDO DESBRAVEI A CACIMBA
NOS MEUS TEMPOS DE CRIANÇA

ESTUDANTE B
DE SAUDOSA LEMBRANÇA NÃO FALO
NÃO GOSTO DE SAUDOSISMO
QUEM VIVE DE PASSADO É MUSEUS
PODE VER QUE JÁ MORREU

ESTUDANTE A
COMO ASSIM, NÃO SENTIR SAUDADES?
DOS TEMPOS DA NOSSA INFÂNCIA
ANDÁVAMOS TÃO LIVREMENTES
NA CHUVA MUITA LAMBANÇA

ESTUDANTE B
EU QUERO PARA TEU PASSADO
UMA BORRACHA PARA APAGAR
VIVEMOS EM OUTRA ERA
DE TECNOLOGIA PARA TECLAR

ESTUDANTE A
POIS EU DISCORDO DE VOCÊ
SOU MAIS A MINHA HISTÓRIA
DO QUE A QUE A VAI ACONTECER
E O MEIO AMBIENTE VAI AGRADECER

ESTUDANTE B
TÔ NEM AÍ PARA O PASSADO
VAMOS ATRÁS DE NOVIDADES
QUEM GOSTA DE VELHO É ASILO
QUE ESTÁ FALTANDO NESSA CIDADE

ESTUDANTE A
A MINHA FALA DE PRESERVAÇÃO
ÁGUA POTÁVEL COM LIMPEZA
DO GRANDE DEPÓSITO, O PORÃO
JUNTOS FAREMOS PROEZA

ESTUDANTE B
POIS ENTÃO ME DIGA A VERDADE

O QUE FAZ NAQUELE LUGAR
UM POÇO COM ÁGUA SUJA
QUE NÃO SERVE NEM PARA GASTAR

ESTUDANTE A
É DISSO QUE ESTOU FALANDO
O PORÃO QUE ERA CUIDADO
ÁGUA TINHA ATÉ PARA BEBER
ATÉ FICAR SUJO ,ABANDONADO

ESTUDANTE B
DE PORÃO EU SÓ ENTENDO
DOS NAVIOS QUE AQUI CHEGARAM
COM OS NEGRO LÁ DA ÁFRICA
TRISTES E AMEDRONTADOS

ESTUDANTE A
OLHA AÍ VOCÊ FALANDO
DO NEGROS E DO PASSADO
MENINO FIQUE QUIETO
QUE JÁ TÁ TODO ENROLADO

ESTUDANTE B
ENTÃO EU LANÇO UM DESAFIO
E VOCÊ TENDE ME CONVENCER
QUE O PORÃO DA SUA INFÂNCIA
PODERÁ SE RESTABELECE

ESTUDANTE A
GOSTO MUITO DE DESAFIO
O CONVITE ESTÁ ACERTADO
VAMOS JUNTOS RECUPERAR
O PORÃO DO NOSSO PASSADO

ESTUDANTE B
CONCORDO QUE ME CONVENCEU
MESMO ASSIM ACHO DIFÍCIL
LIMPAR A ÁGUA, DESPOLUIR
AQUILO QUE JÁ APODRECEU

ESTUDANTE A
NÃO TEM NADA COMPLICADO
QUANDO TODOS ENTENDEREM
QUE MESMO SENDO PASSADO
E NOSSO PORÃO DEFENDEREM

ESTUDANTE B
DIGA POR COMEÇAREMOS
DIGA QUEM ALI BOTARÁ OS PÉS
TIRAR O LIXO E O MATO ALTO
SEM GASTAR QUASE CEM REIS

ESTUDANTE A
NÃO ESTOU FALANDO DE DINHEIRO
MUITO MENOS DO PASSADO
PODEMOS FAZER UM MUTIRÃO
E DEIXAR TUDO ALINHADO

ESTUDANTE B
ENTÃO CHAME O SEU POVO

QUE DAQUI DOU UM TOSTÃO
AO APELO FEITO DE NOVO
PARA LIMPAR O SEU PORÃO

ESTUDANTE A
DEIXE ESTAR HOMEM INGRATO
QUE DE VOCÊ NADA VOU PRECISAR
FIQUE NO ALTO DO SEU PEDESTAL
DESENHANDO O ANO DE 2094

ESTUDANTE B
ENTÃO AGORA VOU ALI COMPRAR
UMA CÂMERA EM 5D
DE CASA MESMO EU REGISTRO
A LIMPEZA NUM DVD

ESTUDANTE A
TUDO CERTO, SEU FUTURISTA
ENQUANTO VOCÊ PLANEJA
NÓS VAMOS ALI RECUPERAR
O PORÃO DO NOSSO LUGAR

ESTUDANTE B
EN QUANTO VOCÊ PENSA EM IR
EU JÁ FUI E NUMA CARREIRA VOLTEI
NA VELOCIDADE DE UM RAIOS
COM UM GPS EU CRONOMETREI

ESTUDANTE A
NÃO VAMOS MAIS DISCUTIR
PQ O TEMPO NÃO PERDOA
VAMOS CORRENDO SALVAR O PLANETA
ANTES QUE CAIA UMA GAROA

ESTUDANTE B
QUEM DISSE QUE VAI CHOVER
NESSAS TERRA DE NINGUÉM
MESMO ASSIM EU CORRENDO
ME LIVRANDO DESSE NHENHEMNHEN

ESTUDANTE A
POIS EU NÃO CORRO E NEM ME ESCONDO
PARTO PARA A LUTA E VOU LIGEIRO
SALVAR O PORÃO DA GENTE
DO TERRÍVEL FEITICEIRO

ESTUDANTE B FAZ CARA DE PAISAGEM E PERGUNTA- E É, É ?

ESTUDANTE A
E QUANDO A ÁGUA ESTIVER BEM LIMPA
E O PONTO TURÍSTICO VOLTAR A BRILHAR
RECEBENDO também MUITOS TURISTAS
DAQUI E DE OUTRO LUGAR
PARA ALI BEBER ÁGUA, PASSEAR
NÃO VENHA COM SEU ABUSO
PEDIR PARA REGISTRAR!

ESTUDANTE B
TÁ CERTO, VOU NO PENDRIVE ANOTAR

ESTUDANTE A
PORQUE TEM UMA HISTÓRIA ANTIGA
REZA A LENDA, UMA CANTIGA
QUE QUEM DA ÁGUA DO PORÃO BEBE
TEM QUE VOLTAR PARA CÁ
O MEIO AMBIENTE PRESERVADO
TUDO DO NOSSO AGRADO
NÃO VENHA COM SEU ABUSO
PEDIR PARA FOTOGRAFAR!

Anexo E- Cordel coletivo dos alunos: meio ambiente e a cultura de Cacimba de

Dentro

No Nordeste, minha gente
Tem muita diversidade
Plantas, aves e comidas
Cultura de verdade

Nessa terra chove pouco
Mas dá pra sobreviver
Com união e consciência
Tem água pra dar e vender

Um sertão tão sofrido
Mas tão cheio de beleza
Que na caatinga reflete
O poder da natureza

Diversidade de plantas
Que a caatinga nos oferece
Uma beleza que entontece
Isso é meu Nordeste

A caatinga é muito importante
Pois define nosso sertão
O mandacaru e o xique-xique
Mesmo no clima escaldante

Com certeza sobrevive
Pássaro muito bonito
É o galo de campina
Ele muito nos encanta

Com sua cantoria fina
O bioma da caatinga
Com sua vegetação
Tem o mandacaru

Que enobrece o sertão
A caatinga enaltece
Nossa flora engrandece
E esquenta a região

Nossa palma do sertão
O xique-xique e a espirradeira
São alguns exemplos
Da nossa flora brasileira

A nossa gente nem se fala
Ô gente guerreira
E trabalhadeira

No Nordeste se encontra

A caatinga sensacional
Os nordestinos batem palmas
Num conjunto sem igual
Na caatinga se encontra

Uma vegetação encantada
Tem até algumas plantas
Que florescem de madrugada
Um exemplo que posso dar

É o mandacaru
Um cacto com suas flores
Que vislumbra a qualquer um
Tem também um animal

Com o nome de carcará
Parece até um gavião
Muito lingo de fotografar
Há muitas outras coisas

Para se encontrar
Mas para saber melhor
Venha nos visitar
O juazeiro do sertão

Transmite paz e alegria
Tem gente que vem de fora
Só pra ver nascer o dia
Todo mundo conhece

O sertão da Paraíba
Com suas flores e animais
E muita gente bonita
Em junho tem uma festança

Com muita comida e dança
É um estado pequeno
Mas cheio de esperança
Cacimba de Dentro terra boa

De muita gente bonita
Em todo canto tem beleza
Tem suas características
Aqui é cheio de cultura

Vou falar do meu lugar
Terra de cabra da peste
Terra de homem valente

Meu lugar é o Nordeste

Meu Nordeste tem riquezas
Só encontradas aqui
Sua música, sua dança
Sua gente que sorri



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (TCFV) (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, _____), **AUTORIZO** o (a) Prof. (a) GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES, coordenador(a) da pesquisa intitulada: **CORDEL E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO DE LEITORES DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL** a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de foto e vídeo com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES, assegurou-me que os dados serão armazenados em digital e impresso, sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Asseguro-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Cacimba de Dentro, ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável



PROFLETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu (pai, mãe ou responsável), _____, em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação do (a) aluno (a) _____, de ____anos, na Pesquisa "CORDEL E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO DE LEITORES DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL".

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho "CORDEL E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO DE LEITORES DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL" terá como objetivo geral **desenvolver atividades para incentivar o ato de ler e vivenciar questões que enfatizam a relação do homem com a natureza. Assim, a leitura do cordel no ambiente escolar contribuirá na formação de leitores capazes de discutir o texto literário fazendo a relação com o conhecimento de mundo que o cerca em sociedade. E reciprocamente refletir sobre as ações prejudiciais que o homem realiza contra o meio ambiente.**

Ao responsável legal pelo (a) menor de idade só caberá a autorização para que o participante realize atividades de leitura em sala de aula serão executas em momentos individuais e em grupo. Os alunos serão orientados a vivenciar a leitura dos cordéis teatralizando o cordel original e serão estimulados ao desafio de criar um novo cordel. Em função disso, serão realizadas oficinas e aula de campo, de forma proporcionar aos alunos o contato com a natureza. O foco está em oferecer elementos para a leitura do texto literário em sua relação homem-natureza. Os possíveis riscos são mínimos, por exemplo o aluno se sentir envergonhado em ler em público, conforme a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O Responsável legal do menor participante da pesquisa poderá se recusar a

participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 981870776 com GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Pesquisador Responsável _____

Assinatura do responsável legal pelo menor _____

Assinatura do menor de idade _____

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).



TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: CORDEL E MEIO AMBIENTE: A FORMAÇÃO DE LEITORES DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL, sob a responsabilidade de GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES e da orientadora MARIA SUELY DA COSTA, de forma totalmente voluntária.

Essa pesquisa se justifica pela necessidade de se desenvolver a leitura significativa e crítica nos alunos, por meio de atividades que busquem diminuir as possíveis lacunas de aprendizagem existentes na capacidade leitora dos alunos. Sendo assim, concebeu-se essa pesquisa com o objetivo de desenvolver atividades para incentivar o ato de ler e vivenciar questões que enfatizam a relação do homem com a natureza. Assim, a leitura do cordel no ambiente escolar contribuirá na formação de leitores capazes de discutir o texto literário fazendo a relação com o conhecimento de mundo que o cerca em sociedade. E reciprocamente refletir sobre as ações prejudiciais que o homem realiza contra o meio ambiente.

Para isso, essa pesquisa terá como metodologia a *pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva*, bem como a *pesquisa-ação*, pelo desenvolvimento e aplicação de uma intervenção a partir da situação-problema observada na turma do 8º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Maria Aparecida Gomes de Sousa, localizada na cidade de Cacimba de Dentro-PB, quanto à leitura e a compreensão dos sentidos de um texto e apenas com sua autorização realizaremos a aplicação da pesquisa.

Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): que o participante realize atividades de leitura em sala de aula serão executas em momentos individuais e em grupo. Os alunos serão orientados a vivenciar a leitura dos cordéis teatralizando o cordel original e serão estimulados ao desafio de criar um novo cordel. Em função disso, serão realizadas oficinas e aula de campo, de forma proporcionar aos alunos o contato com a natureza. O foco está em oferecer elementos para a leitura do texto literário em sua relação homem-natureza. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa

de acordo com Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde

O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Este estudo apresenta risco mínimo, uma vez que o estudo emprega atividades e materiais didáticos concernentes e adequados ao ambiente escolar e ao público-alvo da proposta de intervenção (8º ano do Ensino Fundamental), tais como: leitura, análise do texto, discussão e produção de textos. Os possíveis riscos são mínimos, por exemplo o aluno se sentir envergonhado em ler em público, conforme a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após a finalização do estudo. Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que seu nome ou o material que indique sua participação será mantido em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Este termo foi elaborado em conformidade com o Art. 228 da Constituição Federal de 1988; Arts. 2º e 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente; e Art. 27 do Código Penal Brasileiro; sem prejuízo dos Arts. 3º, 4º e 5º do Código Civil Brasileiro.

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com a professora-pesquisadora GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES, através do telefone: (83)981870776, ou através do e-mail: gildiane.almeida@hotmail.com, ou do endereço: Rua Pernambuco Mariz III, nº22, Cacimba de Dentro. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade (se já tiver documento) _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto ao pesquisador responsável. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse

estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Cacimba de Dentro, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Sala de aula preparada para acolher os alunos na etapa da motivação



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cordel e Meio Ambiente: A Formação de Leitores do Texto Literário no Ensino Fundamental

Pesquisador: GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 14119119.0.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.368.937

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa intitulado: "Cordel e Meio Ambiente: A Formação de Leitores do Texto Literário no Ensino Fundamental", a ser desenvolvido por Gildiane de Almeida Silva Gomes, sob orientação de Maria Suely da Costa, no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual da Paraíba.

Objetivo da Pesquisa:

"Incentivar o ato de ler e vivenciar questões que enfatizam a relação do homem com a natureza, e através da leitura do cordel contribuir para a formação de leitores capazes de discutir o texto fazendo a relação com o conhecimento de mundo que o cerca em sociedade, refletindo sobre as ações prejudiciais que o homem realiza contra o meio ambiente". Quanto aos objetivos específicos, estes são: Promover o letramento literário no cotidiano escolar; Contribuir para a formação de leitores na perspectiva do letramento literário, abordando o cordel; Ofertar uma prática de leitura centrada na discussão da relação do homem com a natureza, sob o viés da ecocrítica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta riscos mínimos e os possíveis benefícios residem na produção de conhecimento acadêmico a partir de pesquisa-ação intra-sala de aula, valorizando as experiências pedagógicas construídas a partir da mediação texto, aluno e professor.

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E**



Continuação do Parecer: 3.368.937

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa faz uso de texto literário regional (Cordel) e de temática de relevância social (meio ambiente) na forma de sequências didáticas para coletar dados junto a 24 alunos do 8º ano de escola pública municipal, com faixa etária entre 12 e 17 anos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos requeridos foram anexados.

Recomendações:

Recomenda-se o envio de Relatório quando da realização da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer de que o projeto está APROVADO para a sua execução.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1351869.pdf	20/05/2019 08:03:42		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto1.docx	20/05/2019 07:57:11	GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termosdop1.docx	20/05/2019 06:04:31	GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES	Aceito
Outros	termocon.pdf	19/05/2019 23:33:08	GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	depesquisador.docx	18/05/2019 11:15:47	GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	escola.pdf	18/05/2019 11:03:35	GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES	Aceito
Folha de Rosto	1folhaderosto.pdf	18/05/2019 10:26:48	GILDIANE DE ALMEIDA SILVA GOMES	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
 Bairro: Bodocongó CEP: 58.109-753
 UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
 Telefone: (83)3315-3373 Fax: (83)3315-3373 E-mail: cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 3.368.937

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 04 de Junho de 2019

Assinado por:

**Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

APÊNDICE

Apêndice A- Questionário diagnóstico

- 1- Você gosta de ler?
 - a- Um pouco.
 - b- Sim, mas tenho dificuldade para ler.
 - c- Sim, eu adoro ler.
 - d- Não gosto de ler.

- 2- Com que frequência você ler?
 - a- Somente quando o professor pede.
 - b- Sempre, leio na escola e em casa.
 - c- Nunca, nem quando o professor pede.

- 3- Sua família o incentiva a ler?
 - a- Sim.
 - b- Às vezes.
 - c- Não.

- 4- Você sente falta de eventos envolvendo a literatura na escola como poesia, teatro, contação de história, músicas?

- 5- Você gosta de ler os textos do livro didático?
 - a- Não.
 - b- Às vezes.
 - c- Sim.

- 6- Você costuma ler em casa no livro didático, os textos ou só os cordéis?
 - a- Às vezes.
 - b- Não gosto.
 - c- Sim.